

AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO

MATRIZES DE PORTUGUÊS

4ª Série
Ensino Fundamental

8ª Série
Ensino Fundamental

3º Ano
Ensino Médio

Matrizes de Referência da Avaliação de Desempenho para Português

Universidade Federal da Bahia

Reitor

Naomar Monteiro de Almeida Filho

Vice-Reitor

Francisco José Gomes Mesquita

Diretor do ISP – Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público

Robert Evan Verhine

Superintendente da Fapex

José Bernardo Cordeiro Filho

Governo do Estado da Bahia

Governador

Paulo Souto

Vice-Governador

Eraldo Tinoco

Secretária da Educação

Anaci Bispo Paim

Superintendente de Acompanhamento e Avaliação

Domingos Barbosa Neto

Matrizes de Referência da Avaliação de Desempenho para Português

1ª Edição – 2004

Ficha Técnica

Coordenação do Projeto de Avaliação Externa

Lys Vinhaes

Coordenação Editorial

Adriano Oliveira

Núcleo de Português do Projeto

Maria Helena de Magalhães Dourado

Suzana Helena Longo Sampaio

Especialista em Português

Neyde Paiva

Revisão

Judith Freitas

Projeto Gráfico e Capa

Adriano Oliveira

Editoração Eletrônica

Mariângela Ferreira Falcão



Projeto de Avaliação Externa

Rua Caetano Moura, 107, Federação. Cep 40210-341. Salvador - Bahia
e-mail: aval@ufba.br Fax: (71) 237 1977

Professores responsáveis pela elaboração dos descritores e exemplos:

Adilza da Silva Melo
Adriana Santana Vilas Boas
Ambrósia de Oliveira Sena
Ana Luciene da Silva Neiva
Anete Oliveira Andrade
Angela Therezinha Guastini Rocha de Cerqueira
Bartira Maria Nogueira dos Santos
Celeste Silva de Araújo
Consuelo Maria Pereira Moreira
Dalva Souza da Rocha Silva
Doriane Cristina Mignac Cumming
Edilene Raimunda Sales Matos
Edineide Marinho Maciel
Edmeire Lopes de Barros
Eliana Lemos Ferreira de Lima
Elisabete Cassiana de Oliveira
Ely Lima Nogueira
Ermerval Bonfim Ferreira da Hora
Giovana Pedreira Leal
Gisele Galvão Linhares Cajaíba
Heloísa Silva dos Santos
Jane Alves Batista Franco Vieira
Janelúcia Bastos Santana Costa
Kátia Andrade de Carvalho
Lena Antonieta de Lena
Maria Cristina Soares Lima
Maria Eunice Victal e Castro

Mariângela Carvalho Santos
Marilene Gonçalves de Almeida
Marilene Mendes de Carvalho Daltro
Marina Bernadete de Souza e Silva Filha
Marlylda Barbuda dos Santos
Nailton José de Menezes Rocha
Neyde Bastos Paiva
Patrícia Virgínia de Castro Argollo
Rita de Cássia Gomes Correia
Rita de Cássia Teixeira Vasconcelos
Rita Simone Fortuna Rezende
Rosângela Barbosa Machado
Sandra Maria Pessoa de Miranda
Sandra Maria Ribeiro Costa Fraga
Silvana Márcia Mota Pires Ferreira
Sílvia Tania de Araújo Paixão
Sonja Mara Mota Ferreira
Sueli Alcântara Mota Sena
Tânia Figueiredo Brandão Aragão
Tatyana Di Lissandra Magalhães Neves Souza
Valdice Oliveira Souza
Valdiléa Queiroz de Sá Barreto Pontes
Valéria Alves Batista
Valéria Andrade Brito
Vânia Virgens Almeida
Vera Neuza da Silva Queiroz
Waldeilda Ferreira da Hora

Membros das Comissões de Validação das Matrizes:

Ângela Maria Leite
Angela Therezinha Guastini Rocha de Cerqueira
Benedita Neves
Dilma Evangelista
Egon de Oliveira Rangel
Elda Nadier Lisboa
Gilkéa Nunes Rocha
Giovana Pedreira Leal
Jane Damasceno
Josane Moreira de Oliveira
José Luiz Pieroni Rodrigues
Judith Mendes de Aguiar Freitas
Liduína Maria Paula Medeiros
Lúcia Maria L. B. Rego

Maria Clara da Luz Vasconcelos
Maria Nazaré Moreira de Souza
Neyde Bastos Paiva
Normanda da Silva Beserra
Rita de Cássia Gomes Correia
Rivanda Santos Mendonça
Sônia Cristina Santos Scavello
Sônia de Gouveia Jorge
Suely Aparecida Amaral
Suely Dulce de Castilho
Sylvia Maria de A. Coelho
Therezinha Maria Bottas Dantas
Zânea Andréa Duarte

Sumário

Apresentação	7
Entendendo a Avaliação de Desempenho	7
Elaboração das Matrizes	8
O que são descritores?	8
Processo de criação dos descritores.....	8
As Matrizes de Português	9
 Matriz de Português para a 4ª Série do Ensino Fundamental.....	11
Matriz de Português para a 8ª Série do Ensino Fundamental.....	12
Matriz de Português para o 3º Ano do Ensino Médio	13
 Descritores e Exemplos para a 4ª Série do Ensino Fundamental.....	15
Descritores e Exemplos para a 8ª Série do Ensino Fundamental.....	23
Descritores e Exemplos para o 3º Ano do Ensino Médio	33
 Textos como Estímulos para as Questões dos Testes	49

Apresentação

A presente publicação tem por objetivo divulgar para as escolas e para a comunidade em geral a listagem das competências e habilidades que servem de base para a construção das provas de Português da Avaliação de Desempenho.

Essa listagem constitui aquilo que tecnicamente é chamado de “matriz de referência da avaliação”. Ela é definida com base nos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, nas diretrizes curriculares, nos livros didáticos e nas práticas pedagógicas do Estado, mas está restrita ao universo do que pode ser mensurado através de questões de múltipla escolha.

Cada uma das séries avaliadas possui sua própria matriz de referência, composta por **Descritores de Competências e Habilidades** agrupados por **Domínios** e **Subdomínios de Conteúdo**. Essa publicação reúne num mesmo volume as matrizes de Português para 4ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e para o 3º ano do Ensino Médio. De forma a facilitar, ao máximo, a compreensão daquilo que se pretende avaliar, cada um dos descritores virá ilustrado por uma questão exemplo. A publicação conta ainda com um coletânea de textos-exemplos comentados, agrupados para as séries avaliadas.

O Projeto de Avaliação Externa busca com essa publicação dar aos educadores uma visão da abrangência das provas da Avaliação de Desempenho. O Projeto espera, ainda, que esse material possa também vir a ser mais um instrumento de apoio ao planejamento das atividades pedagógicas ao longo do ano letivo.

Entendendo a Avaliação de Desempenho

A Avaliação de Desempenho integra o conjunto das ações do **Programa Educar para Vencer** da Secretaria da Educação e está sob a responsabilidade do Projeto de Avaliação Externa, conduzido pela Universidade Federal da Bahia. Trata-se de um levantamento da qualidade do ensino, oferecido pelas escolas públicas baianas, através do desempenho dos seus alunos em provas de Português e Matemática. Iniciado em 1999, o sistema trabalha diretamente com três séries de conclusão de ciclos: 4ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio (incluído em 2004).

A partir de 2002, a Avaliação de Desempenho passou a ser bi-anual. A aplicação das provas e questionários acontece sempre ao final do ano letivo. Os dados recolhidos são criteriosamente analisados pelo Projeto de Avaliação Externa e devolvidos diretamente às escolas, sob a forma de relatórios personalizados. Cada unidade de ensino envolvida é informada sobre o percentual de seus alunos distribuídos entre

quatro categorias de desempenho (*Bom, Regular, Médio e Insuficiente*), relativas às disciplinas e séries pesquisadas.

A Avaliação de Desempenho oferece às escolas informações fundamentais para a compreensão da qualidade geral dos seus cursos, pois o resultado dos alunos reflete não apenas as séries diretamente pesquisadas, mas todo o ciclo que as precede.

Elaboração das Matrizes

O que são descritores?

Os descritores são os componentes fundamentais das Matrizes de Referência e servem de base para a formulação das questões de prova em avaliações em larga escala, como no caso da Avaliação de Desempenho.

Um descritor é um enunciado que descreve uma competência que, ao ser evidenciada pelo aluno, demonstra que ele domina um determinado conteúdo. Descritores são sentenças afirmativas, como por exemplo: “Identificar o tema central do texto”.

Processo de criação dos descritores

O processo que permitiu a criação dos descritores de Português para a Avaliação de Desempenho foi extremamente criterioso e contou com a participação de professores das redes pública e privada da capital e do interior do Estado da Bahia. Esses profissionais reuniram-se em grupos dedicados às séries avaliadas e desenvolveram descritores de conteúdo, competências e habilidades, levando em consideração as seguintes fontes:

- Os objetivos nacionais apresentados nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* – PCN.
- Os livros e as práticas didáticas comumente utilizadas no Estado da Bahia.
- Suas próprias experiências e sensibilidade como educadores.

Com o intuito de garantir que o resultado final mantivesse estreita relação com a realidade educacional do Estado e que também atendesse às expectativas nacionais, o Projeto de Avaliação Externa promoveu, num momento posterior, uma **Oficina de Validação das Matrizes de Referência da Avaliação de Desempenho**.

Para isso, um novo grupo de especialistas (inclusive com representantes de outros Estados) foi reunido para avaliar o conjunto dos descritores propostos. Ao final de rigorosa análise e pequenos ajustes, esse grupo aprovou as matrizes, em sua forma final, assegurando seu valor e sua pertinência.

As Matrizes de Português

As páginas seguintes apresentam as Matrizes de Referência de Português para cada uma das séries avaliadas. Nelas, os descritores encontram-se agrupados em quatro Subdomínios, todos associados ao Domínio geral “Leitura e Compreensão”:

- *Idéias Essenciais para a Compreensão e Interpretação do Texto* (IE);
- *Recursos Lingüísticos como Suporte do Texto* (RL);
- *Aspectos Discursivos do Texto* (AD);
- *Valor Significativo de Palavras e/ou Expressões do Texto* (VS)

Será possível perceber uma estreita interdependência entre as matrizes de Português, pois o trabalho com a Língua, nos diversos níveis de aprendizagem, está sempre fundamentado na compreensão e interpretação de textos. A abordagem desses conteúdos nas avaliações para as séries envolvidas diferencia-se basicamente em termos da complexidade dos estímulos (textos e ilustrações) e das questões.

Olhadas em conjunto, as matrizes também evidenciam um aspecto importante: as competências e habilidades a serem desenvolvidas em uma determinada série constituem um degrau fundamental sem o qual o passo para o nível posterior não seria possível. Por exemplo, se um aluno termina a 4ª série sem dominar estratégias elementares de leitura para localização de informações, muito possivelmente apresentará dificuldades significativas na formulação de inferências textuais mais complexas, requeridas numa 8ª série.

Esperamos, assim, que os leitores desta publicação não se atenham apenas ao que será cobrado dos alunos em uma série específica. É de fundamental importância que os educadores tomem conhecimento e discutam em suas comunidades uma visão abrangente e homogênea daquilo que a Avaliação de Desempenho objetiva diagnosticar.

Obs: Na seção *Descritores e Exemplos* (p. 15 a 48), as questões ilustrativas não estão necessariamente agrupadas pelos subdomínios. Elas estão preferencialmente organizadas segundo uma hierarquia que respeita a gradação da complexidade e cumulatividade dos conteúdos no decorrer do ano letivo.

Atenção: O número entre parênteses, ao final de cada descritor, identifica a página dessa publicação na qual será possível encontrar uma questão-exemplo que o ilustra.

Matriz de Português para a 4ª Série do E. F.

Leitura e Compreensão:

Idéias Essenciais para a Compreensão e Interpretação do Texto (IE)

- ☐ Identificar o tema central do texto. (17)
- ☐ Localizar informações no texto. (17)
- ☐ Interpretar o texto com base em dados disponíveis no mesmo texto. (18)
- ☐ Depreender uma afirmação contida no texto, baseando-se em afirmações do próprio texto. (19)

Recursos Lingüísticos como Suporte do Texto (RL)

- ☐ Estabelecer relações entre palavras do texto, tendo em vista o mecanismo de coesão lexical e coerência textual. (20)
- ☐ Reconhecer no texto o efeito de sentido resultante do uso de sinais de pontuação. (20)
- ☐ Estabelecer relações entre partes do texto, tendo em vista mecanismos de coesão seqüencial e coerência textual. (20)
- ☐ Estabelecer relações entre palavras do texto, tendo em vista mecanismos de coesão referencial e coerência textual. (21)

Aspectos Discursivos do Texto (AD)

- ☐ Utilizar conhecimentos do senso comum para a compreensão do texto. (17)
- ☐ Realizar inferências com relação ao conteúdo do texto, considerando a intenção do autor e as características do texto. (18)

Valor Significativo de Palavras e/ou Expressões do Texto (VS)

- ☐ Reconhecer o efeito de sentido resultante da substituição de uma palavra por outra (sinonímia, antonímia). (18)
- ☐ Identificar o sentido de uma palavra ou expressão, baseando-se em informações contidas no próprio texto. (19)
- ☐ Identificar palavras e expressões que completam, de forma coerente, o sentido de frases do texto. (19)

Matriz de Português para a 8ª Série do E. F.

Leitura e Compreensão:

Idéias Essenciais para a Compreensão e Interpretação do Texto (IE)

- ☐ Localizar a informação central do texto. (25)
- ☐ Identificar, no texto, uma informação explícita. (25)
- ☐ Identificar, no texto, uma informação implícita. (26)

Recursos Lingüísticos como Suporte do Texto (RL)

- ☐ Reconhecer a relação de dependência entre as orações no contexto. (26)
- ☐ Aplicar os conhecimentos relativos à concordância nominal e verbal no contexto. (27)
- ☐ Reconhecer o pronome relativo como um elemento que estabelece relação com a oração anterior. (28)
- ☐ Reconhecer o efeito de sentido conseqüente do uso expressivo da pontuação na frase. (29)

Aspectos Discursivos do Texto (AD)

- ☐ Perceber a paródia como um texto crítico e/ou cômico. (26)
- ☐ Reconhecer características específicas de uma narrativa ficcional. (27)
- ☐ Identificar semelhanças e diferenças de forma e estilo em textos da mesma temática. (28)
- ☐ Reconhecer o efeito de sentido conseqüente do uso da linguagem conotativa e denotativa. (29)
- ☐ Reconhecer os elementos que caracterizam um texto dissertativo. (29)
- ☐ Reconhecer as características próprias do gênero do texto de referência (crônica, fragmento, publicitário, jornalístico, informativo, narrativo...). (30)
- ☐ Comparar textos de diferentes gêneros, identificando semelhanças e diferenças quanto a sua forma, tema e estilo. (30)
- ☐ Relacionar informações do texto com elementos paratextuais: verbais e não verbais. (31)

Valor Significativo de Palavras e/ou Expressões do Texto (VS)

- ☐ Deduzir o sentido de uma palavra ou expressão no texto. (27)

Matriz de Português para o 3º ano do E. M.

Leitura e Compreensão:

Idéias Essenciais para a Compreensão e Interpretação do Texto (IE)

- ☐ Identificar idéias explícitas no texto. (35)
- ☐ Inferir o tema (idéia central) do texto. (35)
- ☐ Identificar idéias implícitas no texto. (36)
- ☐ Depreender a idéia central em textos que contenham recursos gráficos. (46)

Recursos Lingüísticos como Suporte do Texto (RL)

- ☐ Reconhecer o papel dos vocábulos na estrutura frasal/oracional. (37)
- ☐ Identificar relações de dependência entre os elementos da oração (verbo-complemento / substantivo-complemento). (37)
- ☐ Identificar a relação semântica estabelecida por elementos coesivos em textos. (37)
- ☐ Reconhecer a independência sintática nas orações de um período, no texto. (40)
- ☐ Reconhecer a relação de dependência entre as orações de um período, no texto. (41)
- ☐ Reconhecer a relação lógico-semântica estabelecida entre as orações independentes de um período, no texto. (41)
- ☐ Reconhecer a oração subordinada substantiva como representação de um termo necessário à compreensão de outra oração, com base no texto. (42)
- ☐ Reconhecer as circunstâncias expressas pelas orações adverbiais, com base no texto. (42)
- ☐ Reconhecer a oração adjetiva como modificadora de um antecedente, com base no texto. (42)
- ☐ Reconhecer o efeito do uso da pontuação (reticências, aspas, exclamação, interrogação, vírgula e ponto-e-vírgula). (42)
- ☐ Reconhecer a relação de concordância entre um verbo e outros termos na oração, no texto. (45)
- ☐ Identificar a relação de concordância entre o nome e seus determinantes. (45)
- ☐ Identificar a relação causa/conseqüência entre os elementos de um texto. (47)
- ☐ Reconhecer, através do contexto (co-texto), elementos de significação completa (predicação verbal). (48)

Aspectos Discursivos do Texto (AD)

- ☐ Depreender através da intertextualidade, idéias comuns em textos de estruturas diferentes. (36)
- ☐ Identificar processos específicos de construção de sentido em textos literários (irreverência, ironia, figuras). (36)
- ☐ Identificar elementos indicativos do ponto-de-vista do autor em relação ao tema. (38)
- ☐ Estabelecer relação entre os recursos usados pelo autor e sua estratégia discursiva. (38)
- ☐ Reconhecer, em texto literário, características de seu estilo de época. (39)
- ☐ Depreender, em textos de diferentes estilos de época (escolas literárias), semelhanças ou contrastes. (39)

- ☐ Identificar traços inovadores (formais ou estilísticos) significativos para autonomia da literatura brasileira. (40)
- ☐ Identificar, em textos literários, traços de fortalecimento da cultura e identidade brasileira. (40)
- ☐ Identificar recursos de persuasão utilizados pelo autor em seu discurso. (43)
- ☐ Identificar recursos utilizados em função da intencionalidade do discurso. (43)
- ☐ Reconhecer a relação conteúdo × forma presente em poema. (44)
- ☐ Reconhecer traços característicos da literatura de denúncia da realidade brasileira. (44)
- ☐ Identificar traços de universalização de conflitos humanos em textos literários. (45)
- ☐ Reconhecer o significado e o efeito de sentido de signos verbais e não verbais. (46)
- ☐ Reconhecer a diferença de linguagem em diferentes textos. (47)
- ☐ Reconhecer o efeito de sentido resultante da utilização de recursos estilísticos (figuras). (48)
- ☐ Comparar textos de diferentes autores quanto ao tratamento temático e aos recursos formais. (48)

Valor Significativo de Palavras e/ou Expressões do Texto (VS)

- ☐ Reconhecer o valor semântico de palavras ou expressões no contexto. (35)
- ☐ Inferir o significado de expressões não conhecidas do texto. (38)

Descritores e Exemplos para a 4^a Série do Ensino Fundamental

IE *Identificar o tema central do texto.***Extinção é para sempre**

Muitas pessoas gostariam de ter um animal silvestre em casa. No entanto, é bom saber o quanto esta “inocente” intenção pode ser ruim. [...]

Todos os seres cumprem papéis importantes no ambiente em que vivem. Todos, em maior ou menor grau, influenciam o meio e interagem com outros seres. Ao retirar um animal de seu habitat, é como se este tivesse morrido. [...]

Greenpeace/Brasil. Extinção é para sempre (Frag.). [S.l.] Folheto. [s.d].

► Que idéia é destacada no texto?

- a) Deve-se manter os animais no seu ambiente.
- b) Não se deve aprisionar animais selvagens.
- c) O comércio de animais não é permitido.
- d) A posse de animais silvestres é proibida.

IE *Localizar informações no texto.***As Duas Flores**

São duas flores unidas,
São duas rosas nascidas
Talvez no mesmo arrebol,
Vivendo no mesmo galho,
Da mesma gota de orvalho,
Do mesmo raio de sol. [...]

ALVES, Castro. Obras completas. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1942.

► Segundo o poeta Castro Alves, que flores são inseparáveis?

- a) Duas dalias.
- b) Dois cravos.
- c) Duas rosas.
- d) Dois girassóis.

AD *Utilizar conhecimentos do senso comum para a compreensão do texto.***A bola**

Muito antes de o Brasil ter-se tornado tricampeão mundial de futebol, nossos antepassados já faziam as suas “peladas”. Só que não eram como as de hoje, é claro, com traves, bandeirinhas, juiz e torcida. O futebol veio muito depois, com suas regras criadas pelos ingleses. [...]

CLODER, Roberto. Manual do escoteiro mirim. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

► O que o autor quis dizer com a palavra “peladas”?

- a) Brincadeiras de crianças.
- b) Gracinhas dos jogadores.
- c) Partidas de futebol.
- d) Jogos de adultos.

IE*Interpretar o texto com base em dados disponíveis no mesmo texto.*

São Paulo, 29 de agosto de 1999.

Querido Rodrigo,

Já faz dois meses que você não me escreve. Estou com muita saudade de você. Aqui, tudo continua do jeitinho que você deixou, só que com algumas novidades. O time feminino de basquete da minha escola ganhou o campeonato de verão. [...] A outra novidade é que passei alguns dias na fazenda de meu avô e aprendi a cavalgar. [...]

Escreva-me contando as novidades.

Beijos, Roberta

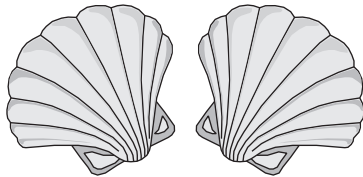
AZEVEDO, Dirce Guedes de. Um jeito de aprender. São Paulo: FTD, 1997.

► Ao escrever para Rodrigo, que sentimento Roberta demonstrou?

- a) Compreensão
- b) Saudade**
- c) Entusiasmo
- d) Orgulho

AD*Realizar inferências com relação ao conteúdo do texto, considerando a intenção do autor e as características do texto.*

RESPEITE A CASA DOS OUTROS



Não tire conchas, plantas ou corais do mar

► O que é necessário fazer, segundo o anúncio, em relação aos seres do mar?

- a) Devem ser retirados.
- b) Devem ser preservados.**
- c) Podem ser esquecidos.
- d) Podem ser eliminados.

VS*Reconhecer o efeito de sentido resultante da substituição de uma palavra por outra (sinonímia, antonímia).*

Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1997.

Querido Fabi,

Espero que você não esteja muito zangado com o que aconteceu na escola hoje. Ainda bem que nossos pais não fora chamados. Minha mãe ficaria furiosa. Gostaria muito que nós pudéssemos conversar com calma, sem sustos nem complicações. [...]

Então, até lá.

Um abraço, Biloca

FRAGA, Júlia; BENJAMIN, Norma. Língua Portuguesa. [s.l.] Ed. do Brasil, [s.d.] pág. 110. vol.4.

► No texto, encontra-se em destaque a palavra “zangado”. Que outro vocábulo pode substituí-la corretamente?

- a) Entristecido.
- b) Aborrecido.**
- c) Curioso.
- d) Preocupado.

VS*Identificar o sentido de uma palavra ou expressão, baseando-se em informações contidas no próprio texto.***Fogo na reserva**

Pegou fogo na Reserva Biológica de Poço das Antas, no Rio de Janeiro. [...] A grande preocupação era por causa de uns macaquinhos lindos, os micos-leões-dourados.

Nas matas da reserva vivia a única população desses micos ainda existente na natureza. O incêndio foi apagado, os micos salvaram-se, mas a espécie correu sério risco de extinção.

MACHADO, Angelo. Fogo na Reserva. Rev. Ciência Hoje das Crianças (Rio de Janeiro), n. 17, 1990.

► Que alternativa explica o sentido da expressão grifada?

- a) A população dos micos deixaria de existir.
- b) Eles sobreviveriam sem dificuldade.
- c) Eles viveriam com muita dificuldade.
- d) Não haveria perigo para os animais.

VS*Identificar palavras e expressões que completam, de forma coerente, o sentido de frases do texto.*

Troco um fusca branco
por um cavalo cor de vento
um cavalo mais veloz que o pensamento.
Quero que ele me leve pra bem longe
e que galope ao deus-dará.
Que já me cansei deste engarrafamento...

MURRAY, Roseana. Belo Horizonte: [s.n.], 1996.

► O que a autora quis dizer com “galope ao deus dará”, neste comunicado poético?

- a) Salte para frente.
- b) Salte para trás.
- c) Corra sem destino.
- d) Dê saltos rápidos.

IE*Depreender uma afirmação contida no texto, baseando-se em afirmações do próprio texto.***O piquenique do Catapimba**

O dia do piquenique amanheceu de encomenda: céu azul e sol brilhante, vento fresquinho, gostoso. Se encontraram na pracinha. E lá se foram contentes carregados de pacotes, de sacolas, de cestinhas. [...]

ROCHA, Ruth. O piquenique de Catapimba. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.

► De acordo com o texto, como estava o dia do piquenique?

- a) Chuvoso.
- b) Ensolarado.
- c) Nublado.
- d) Abafado.

RL*Estabelecer relações entre palavras do texto, tendo em vista o mecanismo de coesão lexical e coerência textual.***Fora da Terra**

O homem já pensa em viver fora da Terra. Pelo menos dois tipos de cidade podem ser imaginadas: uma no espaço e outra na Lua. Para ele sobreviver nessas cidades, ele teria que construir uma atmosfera para criar plantas e animais. [...]

BOCZKO, Roberto. Folha de São Paulo. São Paulo. 23 abr. 1994.

► Que palavra o termo “outra” substitui?

- a) Atmosfera.
- b) Terra.
- c) Lua.
- d) Cidade.**

RL*Reconhecer no texto o efeito de sentido resultante do uso de sinais de pontuação.***Espertezas**

— Rodrigo, faz de conta
Que sua bicicleta
É minha.
Eu dou uma voltinha
E você
Fica brincando,
Se esbaldando,
Com meu patim.

— Vladimir, cara de pau,
Deixa de ser malandrão.
Não sabe que tou sabendo
Que teu patim tá enguiçado
Desde o mês passado?

Elias José. Um pouco de tudo, de bichos, de gente, de flores. São Paulo: Paulus, 1982.

► Qual a função dos travessões, no texto?

- a) Apresentar algumas citações.
- b) Indicar fala dos personagens.**
- c) Enumerar vários elementos.
- d) Indicar a pausa rápida na leitura.

RL*Estabelecer relações entre partes do texto tendo em vista mecanismos de coesão seqüencial e coerência textual.***Por que no mundo existem tantas raças e tantas cores?**

[...] Em grande parte as diferenças de cor entre os homens dependem da diversificação dos ambientes nos quais os grupos humanos se desenvolveram, adaptando-se aos diversos climas e às diversas condições de vida. [...]

RODARI, Gianni. O livro dos porquês. São Paulo: Ática, 1995.

► O que o termo “e”, em destaque no texto, expressa?

- a) Acréscimo.**
- b) Alternância.
- c) Conclusão.
- d) Dúvida.

RL*Estabelecer relações entre palavras do texto, tendo em vista mecanismos de coesão referencial e coerência textual.***A sereia**

[...] Contam que em Porto Seguro, cidade do litoral da Bahia, Pedro, filho de um pescador de nome Antônio, via uma sereia surgir e desaparecer nas ondas do mar. Essa visão, porém, só acontecia em noites de lua cheia. Pedro mostrava a sereia a seus amigos, mas só ele conseguia vê-la. [...]

MESERANI, Samir. Os incríveis seres fantásticos. São Paulo: FTD, 1993.

► Que palavra o termo grifado substitui?

- a) Baleia.
- b) Lua.
- c) Cidade.
- d) Sereia.**

Descritores e Exemplos para a 8ª Série do Ensino Fundamental

IE*Localizar a informação central do texto.***Recado ao senhor 903**

Vizinho —

Quem fala aqui é o homem do 1003. Recebi outro dia, consternado, a visita do zelador, que me mostrou a carta em que o senhor reclamava contra o barulho em meu apartamento. Recebi depois a sua própria visita pessoal — devia ser meia-noite — e a sua veemente reclamação verbal. Devo dizer que estou desolado com tudo isso, e lhe dou inteira razão. O regulamento do prédio é explícito e, se não o fosse, o senhor ainda teria ao seu lado a Lei e a Polícia. Quem trabalha o dia inteiro tem direito ao repouso noturno e é impossível repousar no 903 quando há vozes, passos e músicas no 1003. Ou melhor: é impossível ao 903 dormir quando o 1003 se agita; pois como não sei o seu nome nem o senhor sabe o meu, ficamos reduzidos a ser dois números, dois números empilhados entre dezenas de outros. Eu, 1003, me limito a leste pelo 1005, a oeste pelo 1001, ao sul pelo Oceano Atlântico, ao norte pelo 1004, ao alto pelo 1103 e embaixo pelo 903 — que é o senhor. Todos esses números são comportados e silenciosos; apenas eu e o Oceano Atlântico fazemos algum ruído e funcionamos fora dos horários civis; nós dois apenas nos agitamos e bramimos ao sabor da maré, dos ventos e da lua. Prometo sinceramente adotar, depois das 22 horas, de hoje em diante, um comportamento de manso lago azul. Prometo. Quem vier à minha casa (perdão; ao meu número) será convidado a se retirar às 21:45, e explicarei: o 903 precisa repousar das 22 às 7 pois às 8:15 deve deixar o 783 para tomar o 109 que o levará até o 527 de outra rua, onde ele trabalha na sala 305. Nossa vida, vizinho, está toda numerada; e reconheço que ela só pode ser tolerável quando um número não incomoda outro número, mas o respeita, ficando den-

tro dos limites de seus Algarismos. Peço-lhe desculpas — e prometo silêncio.

...Mas que me seja permitido sonhar com outra vida e outro mundo, em que um homem batesse à porta do outro e dissesse: “Vizinho, são três horas da manhã e ouvi música em tua casa. Aqui estou”. E o outro respondesse: “Entra, vizinho, e come de meu pão e bebe de meu vinho. Aqui estamos todos a bailar e cantar, pois descobrimos que a vida é curta e a lua é bela.”

E o homem trouxesse sua mulher, e os dois ficassem entre os amigos e amigas do vizinho entoando canções para agradecer [...] o brilho das estrelas e o murmúrio da brisa nas árvores, e o dom da vida, e a amizade entre os humanos, e o amor e a paz.

BRAGA, Rubem. 200 crônicas escolhidas. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

► Qual a principal idéia do texto?

- a) A briga entre vizinhos de um prédio residencial.
- b) O barulho e a confusão no apartamento 1003.
- c) A carta e a reclamação verbal do vizinho 903.
- d) O sonho de uma vida melhor e mais solidária.

IE*Identificar, no texto, uma informação explícita.*

Referente ao texto anterior,
“Recado ao senhor 903”.

► Segundo o autor, quem faz barulho?

- a) O vizinho 903 e a rua.
- b) O senhor 1005 e os ventos.
- c) O morador 1004 e a maré.
- d) O homem do 1003 e o mar.

IE Identificar, no texto, uma informação implícita.

Referente ao texto anterior,
"Recado ao senhor 903".

- ▶ O que o narrador pretende ao utilizar números no texto?
 - a) Aceitar a distância existente entre as pessoas do edifício.
 - b) Criticar a indiferença existente entre os moradores do prédio.
 - c) Concordar com a frieza predominante das relações humanas.
 - d) Valorizar a boa educação comum a todos do grupo.

RL Reconhecer a relação de dependência entre as orações no contexto.

Construção

Amou daquela vez como se fosse a última / Beijou sua mulher como se fosse a última / E cada filho seu como se fosse o único / E atravessou a rua com seu passo tímido / Subiu a construção como se fosse máquina / Ergueu no patamar quatro paredes sólidas / Tijolo com tijolo num desenho mágico / Seus olhos embotados de cimento e lágrima / Sentou pra descansar como se fosse sábado / Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe / Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago. [...]

BUARQUE, Chico (Interp.). Cara Nova Editora Musical Ltda. São Paulo: Copyright Internacional, 1971.

- ▶ No verso "Comeu feijão com arroz **como se fosse um príncipe**" a oração em destaque é dependente da oração anterior e estabelece uma relação de:
 - a) temporalidade.
 - b) casualidade.
 - c) condição.
 - d) comparação.

AD Perceber a paródia como um texto crítico e/ou cômico.

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá. [...]

DIAS, Gonçalves. São Paulo: Abril Educação, 1982.

- ▶ Que efeito o cãozinho Bidu confere à mensagem da tirinha ao se apropriar dos versos iniciais da *Canção do exílio*?
 - a) Crítico.
 - b) Cômico.
 - c) Duvidoso.
 - d) Irônico.

VS*Deduzir o sentido de uma palavra ou expressão no texto.***Canção do exílio**

[...]

Não permita Deus que eu morra
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

DIAS, Gonçalves. São Paulo: Abril Educação, 1982.

► Qual o sentido da palavra em destaque no fragmento do poema?

- a) Tristezas.
- b) Privilégios.
- c) Maravilhas.
- d) Vantagens.

AD*Reconhecer características específicas de uma narrativa ficcional.***São Bernardo**

[...] Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste [...]

Emoções indefiníveis me agitam — inquietação terrível, desejo doido de voltar, tagarelar novamente com Madalena, como fazíamos todo os dias, a esta hora. Saudade? Não, não é isto; é desespero, raiva, um peso enorme no coração.

Procuo recordar o que dizíamos. Impossível. As minhas palavras eram apenas palavras, reprodução im-perfeita de fatos anteriores, e as dela tinham alguma

coisa que não consigo exprimir. Para senti-las melhor, eu apagava as luzes, deixava que a sombra nos envol-vesse até ficarmos dois vultos indistintos na escuridão.
[...]

RAMOS, Graciliano. São Bernardo. Rio de Janeiro: Record, 1978.

► Neste texto, o narrador:

- a) faz uma reflexão sobre a vida e a morte.
- b) apresenta um estudo sobre as emoções.
- c) faz a análise psicológica de uma pessoa.
- d) relembra fatos que estão na sua memória.

RL*Aplicar os conhecimentos relativos à concordância nominal e verbal no contexto.***Garota de Ipanema**

Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça
É ela a menina que vem e que passa
Num doce balanço, a caminho do mar
Moça do corpo dourado, do sol de Ipanema
O seu balançado é mais que um poema
É a coisa mais linda que eu já vi passar.
[...]

MORAES, Vinícius de. JOBIM, Tom.

► A que ou a quem se referem “linda” e “cheia de graça” na letra de Garota de Ipanema, de Vinícius de Moraes?

- a) Ao mar.
- b) Ao balanço.
- c) À Ipanema.
- d) À menina.

AD

Identificar semelhanças e diferenças de forma e estilo em textos da mesma temática.

Texto 01: O nome

— Pois é, doutor, quero trocar meu nome.
 — Trocar seu nome? Mas por quê?
 — Ora, se o senhor tivesse um nome igual ao meu, também trocaria. Por um acaso o senhor gostaria de se chamar Fidelmegirdo Teobaldiano?
 — Fi o quê?
 — É isso mesmo, seu doutor, Fi-del-me-gir-do Te-bal-di-a-no, sim senhor!
 — E quem foi que escolheu um nome desses para o senhor?
 — Dizem que foi minha avó, em homenagem ao desgraçado do marido dela que tinha esse mesmo nome.
 — Olha, seu Fi..., Fi..., Fi..., como é que é mesmo?
 — Viu só, seu doutor, o negócio é feio mesmo. E olha que eu sou casado há mais de dez anos e a minha mulher não decorou o diabo do meu nome. Ela sempre tem guardado no bolso um papelzinho pra ler antes de me chamar. É Fidelmegirdo, doutor.
 — Então é isso aí, seu Fidermalgindo...
 — Não, seu doutor, é Fidelmegirdo, Fi-del-me-gir-do!
 — Então, mas vou dizer para o senhor que não é fácil trocar de nome, mas com esse aí acho que vamos conseguir.
 — Tomara, seu doutor. E não é que tem hora que também esqueço como é que se pronuncia?
 — E como o senhor faz?
 — Eu olho na minha carteira de identidade. O senhor acha que um homem pode viver bem como um nome desses?
 — É, o senhor tem razão, não dá mesmo. E o senhor já tem outro em vista?

— Já, sim senhor.
 — E qual é?
 — Marcione Filindo Valdencialino!
 — O quê!
 — É isso aí, seu doutor, homenagem ao desgraçado do irmão do meu avô!

AZEVEDO, Alexandre. Que azar, Godofredo! São Paulo: Atual, 1987.

Texto 02: Teu nome

Teu nome, Maria Lúcia / Tem qualquer coisa que afaga / Como uma lua macia / Brilhando à flor de uma vaga. / Parece um mar que marulha / De manso sobre uma praia / Tem o calor que irradia / A estrela quando desmaia. / É um doce nome de filha / É um belo nome de amada / Lembra um pedaço da ilha / Surgindo de madrugada. / Tem um cheirinho de murta / E é suave como a pelúcia / É acorde que nunca finda / É coisa por demais linda / Teu nome, Maria Lúcia...

MORAES, Vinícius de. [s.n.t.]

► Comparando os textos 1 e 2, pode-se dizer que:

- abordam o mesmo tema de formas diversas.
- sendo prosa e verso, são completamente diferentes.
- ambos narram fatos ocorridos recentemente.
- o texto 1, sendo prosa, é basicamente denotativo.

RL

Reconhecer o pronome relativo como um elemento que estabelece relação com a oração anterior.

O nome

— Pois é, doutor, quero trocar meu nome.
 — Trocar seu nome? Mas por quê?
 — Ora, se o senhor tivesse um nome igual ao meu, também trocaria. Por um acaso o senhor gostaria de se chamar Fidelmegirdo Teobaldiano?
 [...]
 — E quem foi que escolheu um nome desses para o senhor?
 — Dizem que foi minha avó, em homenagem ao desgraçado do marido dela que tinha esse mesmo nome.

AZEVEDO, Alexandre. Que azar, Godofredo! São Paulo: Atual, 1987.

► O termo grifado é:

- um pronome adjetivo que modifica e caracteriza o nome.
- uma conjunção subordinativa que liga orações dependentes.
- um pronome que vem em lugar de um nome da oração anterior.
- uma conjunção coordenativa que liga orações independentes.

AD

Reconhecer o efeito de sentido conseqüente do uso da linguagem conotativa e denotativa.

Teu nome

Teu nome, Maria Lúcia / Tem qualquer coisa que afaga / Como uma lua macia / Brilhando à flor de uma vaga. / Parece um mar que marulha / De manso sobre uma praia / Tem o calor que irradia / A estrela quando desmaia. / É um doce nome de filha / É um belo nome de amada / Lembra um pedaço da ilha / Surgindo de madrugada. / Tem um cheirinho de murta / E é suave como a pelúcia / É acorde que nunca finda / É coisa por demais linda / Teu nome, Maria Lúcia...

MORAES, Vinícius de. [s.n.t.]

► No poema, Vinícius tenta explicar o nome de Maria Lúcia através de:

- a) definição e conceitos.
- b) imagens e sugestões.
- c) relatos e descrições.
- d) análises e explicação.

AD

Reconhecer os elementos que caracterizam um texto dissertativo.

Educação e consciência

Para proteger o meio ambiente não bastam leis. É necessária também uma educação ambiental para as pessoas se conscientizarem de que não podem estragar o planeta. O ambiente degradado mostra-nos que a geração passada não teve essa educação ecológica.

A educação ambiental desenvolve a consciência crítica de que a política não se dá globalmente. Como a preservação da natureza é uma necessidade, na defesa do ambiente aprendemos a exercer o direito de cidadania para impor a política correta contra o poder abusivo.

A educação ambiental também é um aprendizado político — na verdade uma prática política radical,

pois, em última instância, defende a vida. Além de lutar contra sistemas que não levam em conta o bem – estar social, os cidadãos aprendem que têm poder para transformar a sociedade.

CHIAVENATO, Júlio José. Ecologia em debate. São Paulo: Moderna, 1977.

► No texto, o autor:

- a) apresenta simplesmente uma informação.
- b) defende uma idéia com base em argumentos.
- c) narra uma história baseada em argumentos.
- d) enumera as formas de preservação da natureza.

RL

Reconhecer o efeito de sentido conseqüente do uso expressivo da pontuação na frase.



► O que o uso do ponto de exclamação, no segundo quadro da tira, expressa?

- a) Admiração.
- b) Preocupação.
- c) Advertência.
- d) Indignação.

AD

Reconhecer as características próprias do gênero do texto de referência (crônica, fragmento, publicitário, jornalístico, informativo, narrativo...)



► Por que o texto Engrena Brasil é publicitário?

- a) Faz um comentário sobre a situação atual do Brasil.
- b) Tenta convencer o leitor, através de recursos variados.
- c) Conta uma história, com personagens bem definidos.
- d) Apresenta uma informação com dados bastante precisos.

AD

Comparar textos de diferentes gêneros, identificando semelhanças e diferenças quanto a sua forma, tema e estilo.

Texto 1:

Segundo o Serviço de Meteorologia: tempo hoje instável, sujeito a chuvas e trovoadas, no começo da noite. Ventos do quadrante sul fortes. Visibilidade regular.

SARGENTIM, Hermínio. [s.n.t.].

Texto 2:

E chove... Uma goteira fora / como alguém que cantasse de mágoa, / canta monótona e sonora, / a balada do pinga d'água. / — Chovia, quando foste embora...

COUTO, Ribeiro. Solidão. [s.n.t.].

► Os textos 1 e 2 diferenciam-se porque:

- a) O 1 apresenta um fato e o 2 conta uma história.
- b) Um fala da chuva e o outro do tempo chuvoso.
- c) Um informa e o outro transmite emoções.
- d) O 1 tem linguagem figurada e o 2, denotativa.

AD

Relacionar informações do texto com elementos paratextuais: verbais e não verbais.

Guia Rural Horta.
Uma Publicação Boa Para Chuchu, Alface,
Tomate, Couve-Flor e Tudo o Que Você
Quiser Plantar, Onde Bem Entender:

Com o Guia Rural Horta você planta com rapidez e economia desde grandes hortas até um simples canteiro num apartamento. Uma publicação que fala sobre as características, propriedades, variedades, adubação, doenças, colheita, rotação das culturas e traz dicas de plasticultura e o seu emprego na agricultura.

Guia Rural Horta é tão completo, que tem um calendário para orientar você sobre qual a melhor época para o plantio, região por região. Isto é Horta.

É da Abril, pode confiar.



Veja, 12 fev. 1993.

- O que o esse texto pretende com a apresentação de elementos verbais e visuais?
 - a) Expor as vantagens da vida no campo.
 - b) Divulgar receitas sobre hortifrutigranjeiras.
 - c) Orientar sobre o plantio de vegetais.
 - d) Convencer sobre as vantagens da agricultura.

Descritores e Exemplos para o 3º Ano do Ensino Médio

IE Inferir o tema (idéia central) do texto.**Cuidados essenciais**

A partir dos 45 anos, os homens devem visitar anualmente um urologista para diagnosticar precocemente doenças como o câncer de próstata. O alerta é da Sociedade Brasileira de Urologia. O tumor é o segundo tipo de câncer mais comum no sexo masculino e, se for diagnosticado cedo, pode ser tratado com sucesso. “É uma doença que pode ter cura se descoberta a tempo,” reforça o urologista Luis Rios.

Isto É. Nº 1751. 23 de abril de 2003.

► Que opção pode sintetizar a idéia central do texto?

- a) A ocorrência de doenças próprias do sexo masculino.
- b) A necessidade de informações sobre a saúde das pessoas.
- c) A cura do câncer em homens de 45 anos no Brasil.
- d) A possibilidade de cura do câncer de próstata.**
- e) O poder de cura da medicina preventiva no mundo.

VS Reconhecer o valor semântico de palavras ou expressões no contexto.**No caminho com Maiakóvski**

[...] Na segunda noite, já não se escondem:
pisam as flores,
matam nosso cão,
e não dizemos nada.
Até que um dia,
o mais frágil deles
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a luz, e,
conhecendo nosso medo,
arranca-nos a voz da garganta.
E já não podemos dizer nada. [...]

COSTA, Eduardo Alves da. No caminho com Maiakóvski. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

► No texto, as expressões “a luz” (verso 8) e “a voz da garganta” (verso 10) podem significar metaforicamente:

- a) o sentido da visão e o poder do grito.
- b) a razão de existir e o direito de protestar.**
- c) o modo de agir e a possibilidade de expressar-se.
- d) o elo com o futuro e a obrigação de falar.
- e) o nascer do dia e o desejo de gritar.

IE Identificar idéias explícitas no texto.**Os acontecimentos conduzem os homens**

E assim vai a vida... Os acontecimentos que até aqui se desenrolaram e em que desempenhei ora o papel do ator principal, ora o de espectador, mudaram, por completo, as intenções deste livro. Naquela noite de Natal, ao início destas notas expus o plano de ir alinhando apontamentos que permitissem publicar, mais tarde, um livro de memórias. Estava então concebendo qualquer coisa, e essa coisa se me agitava no ventre, reclamando lugar ao sol.

ANJOS, Ciro dos. O amanuense Belmiro. 79 ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 1971, p. 70-3.

► Do texto, podemos dizer sobre o personagem-narrador:

- a) organiza a sua caderneta de notas.
- b) prepara notas sobre encontros natalinos.
- c) escreve a história de sua vida.**
- d) despreza a idéia de ser ator principal.
- e) adoece durante a noite de Natal.

IE *Identificar idéias implícitas no texto.***Do estilo**

Fere de leve a frase... E esquece... Nada
Convém que se repita...
Só em linguagem amorosa agrada
A mesma coisa cem mil vezes dita.

QUINTANA, Mário. In: Os melhores poemas de Mário Quintana. 2 ed. São Paulo: Global, 1985.

► Que opção apresenta uma idéia contida no texto?

- a) A repetição de palavras é um recurso fundamental de estilo.
- b) No discurso amoroso, a repetição de palavras é valorizada.
- c) A repetição de palavras resgata sentimentos nobres.
- d) A limitação da linguagem humana exige a repetição de palavras.
- e) É desaconselhável a repetição de palavras na linguagem poética.

AD *Depreender, através da intertextualidade, idéias comuns em textos de estruturas diferentes.***Texto 1: As meninas da gare**

Eram três ou quatro moças bem moças e bem gentis / Com cabelos mui pretos pelas espáduas / E suas vergonhas tão altas e tão saradinhas / Que de nós as muito bem olharmos / Não tínhamos nenhuma vergonha.

ANDRADE, Oswald de. Poesia Pau Brasil. São Paulo: Globo, 1990.

Texto 2: A Carta de Caminha

[...] Ali andavam entre eles três ou quatro moças bem moças e bem gentis com cabelos muito pretos compridos pelas espáduas e suas vergonhas tão altas e tão saradinhas e tão limpas das cabeleiras que de as

nós muito bem olharmos não tínhamos nenhuma vergonha. [...]

CORTESÃO, Jaime (org). A Carta de Pero Vaz de Caminha. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1943.

► O que fez Oswald de Andrade em relação ao fragmento da carta de Caminha?

- a) recompôs a carta de Caminha em versos rimados.
- b) abordou o tema para caracterizar os indígenas.
- c) retomou a idéia inicial, com crítica e ironia.
- d) modificou completamente as idéias da carta.
- e) usa uma linguagem totalmente diferente.

AD *Identificar processos específicos de construção de sentido em textos literários (irreverência, ironia, figuras).***Pronominais**

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco
Da nação brasileira
Dizem todos os dias:
Deixa disso camarada.

Me dá um cigarro!

ANDRADE, Oswald de. São Paulo: Círculo do Livro, [s.d.].

► No poema, Oswald de Andrade:

- a) evidencia um erro gramatical cometido geralmente pelas pessoas.
- b) usa “bom” antes de “negro” e “branco”, valorizando o homem culto.
- c) utilizou o soneto sem rimas que é típico da poesia parnasiana.
- d) critica, com irreverência, as normas gramaticais da língua culta.
- e) valoriza o uso de uma linguagem tradicional ensinada nas escolas.

RL	<i>Reconhecer o papel dos vocábulos na estrutura frasal/oracional.</i>
	[...] Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem arbitrariamente, em circunstâncias escolhidas por eles mesmos, e sim em circunstâncias diretamente dadas e herdadas do passado. [...] Karl Marx. O 18 de Brumário de Luís Bonaparte. [s.n.t.] ► Leia o fragmento e assinale a alternativa correta. “própria” (linha 1) completa o sentido do termo “história” (linha 1). “arbitrariamente” (linha 2) intensifica a ação de “fazem” (linha 2). “escolhidas” (linha 2) refere-se às palavras “dadas e herdadas” (linha 4). “diretamente” (linha 3) modifica o sentido de “circunstâncias” (linha 2). “a” (linha 2) substitui um nome e completa o sentido do verbo.

RL	<i>Identificar relações de dependência entre os elementos da oração (verbo-complemento / substantivo-complemento).</i>
Latin lover Nós dissemos / Que o começo é sempre sempre inesquecível / E no entanto, meu amor, que coisa incrível / Esqueci nosso começo inesquecível / (Mas me lembro de uma noite / Sua mãe tinha saído / Me falaste de um sinal adquirido / Numa queda de patins em Paquetá... / Mostra... doeu? / Ainda dói / A voz mais rouca / E os beijos: cometas percorrendo o céu da boca) / As lembranças acompanham até o fim o latin lover / Que hoje morre sem revólver, sem ciúmes, sem remédio. / De tédio. BOSCO, João & BLANC, Aldir. In: Simone. Gotas d'água. LP EMI/Odeon nº SMOFB 3896, 1975. L. 2, f. 1.	► Marque o que, a partir do texto, for correto em relação aos verbos e os seus complemento: “dissemos” (verso 1) pede sempre um complemento direto e um indireto. “esqueci” (verso 4) pode ser transitivo indireto se for pronominal. “lembro” (verso 5) será, em todos os casos, transitivo indireto. “falaste” (verso 7) é sempre um verbo de sentido completo. “doeu” (verso 9) faz parte do predicado verbo-nominal.

RL	<i>Identificar a relação semântica estabelecida por elementos coesivos em textos.</i>
“São conhecidos os casos de paixão, alguns até terminando em morte, <u>que</u> começaram em festas de fim de ano, ...” [...]. VERÍSSIMO, Luís Fernando. Comédias da vida privada: 101 crônicas escolhidas. Porto Alegre: L&PM. 1994.	► A palavra “que”, neste fragmento de <i>Comédias da vida privada</i>, relaciona-se com: - ano. - paixão. - morte. - casos. - festas.

AD

*Identificar elementos indicativos do ponto-de-vista do autor em relação ao tema.***As duas faces da telenovela**

A telenovela, gênero de representação teatral que incorpora também a linguagem do cinema, reproduz a vida em termos de arte, usando, porém, a linguagem das massas. Infelizmente, tem estado quase sempre a serviço do consumismo característico do capitalismo selvagem em que vivemos. A classe dominante, dona do poder econômico, precisa ganhar muito; então aumenta a produção e provoca, pelo marketing, o consumo em larga escala. O marketing cria o consumidor insaciável, que vive alienado, que não distingue o necessário do dispensável, o essencial do supérfluo. Nesse contexto, as telenovelas teriam a função de distrair o homem de seus reais problemas, fazendo-o conviver com os estereótipos alienantes criados pela tevê e sua estimulante linguagem. A vida, revivida nas novelas,

representaria o sonho dourado tornado possível, como o efeito alucinógeno de uma droga fatal, um estado de estranha paz, de aparente ausência de dor e de conflito. [...]

MENESES, Ildefonso. *As duas faces da telenovela*. São Paulo: Moderna, 1998.

► Que opção apresenta elementos mais representativos da opinião do autor?

- a) “telenovela” (linha 1) e “linguagem” (linha 2).
- b) “Infelizmente” (linha 4) e “alienantes” (linha 14).
- c) “produção” (linha 8) e “consumo” (linhas 8 e 9).
- d) “essencial” (linha 11) e “contexto” (linha 12).
- e) “ausência” (linha 18) e “conflito” (linhas 18 e 19).

AD

*Estabelecer relação entre os recursos usados pelo autor e sua estratégia discursiva.***Soneto do amor total**

Amo-te tanto, meu amor... não cante
O humano coração com mais verdade...
Amo-te como amigo e como amante
Numa sempre diversa realidade.

Amo-te afim, de um calmo amor prestante
E te amo além, presente na saudade
Amo-te, enfim, com grande liberdade
Dentro da eternidade e a cada instante.

Amo-te como um bicho, simplesmente,
De um amor sem mistério e sem virtude
Com um desejo maciço e permanente.

E de te amar assim muito e amiúde
É que um dia em teu corpo de repente
Hei de morrer de amar mais do que pude.

MORAES, Vinícius de. In: *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1987.

► A repetição da expressão “amo-te”, no início de alguns versos:

- a) reforça a intensidade do amor que o eu lírico demonstra.
- b) revela gradativamente a trajetória sentimental do eu lírico.
- c) deixa explícita a banalização progressiva do amor.
- d) diminui a tensão dramática que o poema poderia exprimir.
- e) minimiza a explosão sentimental, típica do poeta romântico.

VS

*Inferir o significado de expressões não conhecidas do texto.***A hora e a vez de Augusto Matraga**

[...] Joãozinho Bem Bem se sentia preso a Nhô Augusto por uma simpatia poderosa, e ele nesse ponto era bem assistido, sabendo prever a viragem dos climas e conhecendo por instinto as grandes coisas. Mas Teófilo Sussuarana era bronco excessivamente bronco, e caminhou para cima de Nhô Augusto. Na sua voz:

— Épa! Nomopadrolhospritosantamein! avança cambada de filhos-da-mãe, que chegou minha vez! [...]

ROSA, Guimarães. *A hora e a vez de Augusto Matraga*. In: _____. Sagarana, 14 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

► Que significados sugerem respectivamente as palavras “viragem” e “bronco” no fragmento?

- a) Alternância – tímido.
- b) Mudança – grosseiro.
- c) Permanência – extrovertido.
- d) Combinação – agressivo.
- e) Transformação – simpático.

AD

*Reconhecer, em texto literário, características de seu estilo de época.***Prefácio Interessantíssimo**

E está fundada a escola poética “Desvairismo”.
 Próximo livro fundarei outra.
 E não quero discípulos. Em arte: escola
 imbecilidade de muitos
 para vaidade dum só.

ANDRADE, Mário de. Prefácio Interessantíssimo. In: Poesias Completas. 5 ed. São Paulo: Martins, 1979.

► Que características modernistas estão presentes no fragmento abaixo?

- a) Irreverência e fuga aos padrões estabelecidos.
- b) Observação e análise crítica da realidade.
- c) Linguagem rebuscada e estilo apurado.
- d) Emoção exagerada e valorização da forma.
- e) Rigor métrico e valorização da lógica.

AD

*Depreender, em textos de diferentes estilos de época (escolas literárias), semelhanças ou contrastes.***TEXTO 1: Macunaíma**

E estava lindíssimo na Sol da lapa os três manos um louro um vermelho outro negro, de pé bem erguidos e nus. Todos os seres do mato espiavam assombrados. O jacaré-úna o jacaretinga, o jacaré-açu o jacaré-ururau de papo amarelo, todos esses jacarés botaram os olhos de rochedo pra fora d'água. Nos ramos das ingazeiras das aningas das mamoranas das embaúbas dos catauaris de beira-rio o macaco-prego o macaco-de-cheiro o guariba o bugio o cuatá o barrigudo o coxiú o cairara, todos os quarenta macacos do Brasil, todos, espiavam babando de inveja. E os sabiás, o sabiá o sabiapoca o sabiá-úna o sabiápiranga o sabiagonga que quando come não me dá, o sabiá-barranco o sabiá-tropeiro o sabiá-laranjeira o sabiá-gute todos esses ficaram pasmos e esqueceram de acabar o trinado, vozeando vozeando com eloquência. Macunaíma teve ódio. Botou as mãos nas ancas e gritou pra natureza:

— Nunca viu não! [...]

ANDRADE, Mário de. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. São Paulo: Martins, 1973.

► Comparando os dois textos, verifica-se que os autores tiveram a intenção de apresentar:

- a) a constatação da renovação da natureza.
- b) a beleza exuberante de todas as florestas.
- c) uma descrição subjetiva do que há no mundo.
- d) a natureza como fortalecimento da identidade nacional.
- e) uma visão racional da realidade brasileira.

TEXTO 2: Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá;
 As aves, que aqui gorjeiam,
 Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
 Nossas várzeas têm mais flores,
 Nossos bosques têm mais vida,
 Nossa vida mais amores.[...]

DIAS, Gonçalves. São Paulo: Abril Educação, 1982.

AD*Identificar traços inovadores (formais ou estilísticos) significativos para autonomia da literatura brasileira.***Erro de português**

Quando o português chegou
 Debaixo duma bruta chuva
 Vestiu o índio
 Que pena!
 Fosse uma manhã de sol
 O índio tinha despido
 O português.

ANDRADE, Oswald de. Erro de português. Poesias reunidas. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

- O poeta, quando utiliza as expressões: “Vestiu o índio” (verso 3) e “tinha despido o português” (versos 6 e 7) tem a intenção de demonstrar:
- a) conhecimento dos acontecimentos da História do Brasil.
 - b) o relacionamento cordial entre índios e portugueses.
 - c) o simples desejo de brincar com fatos históricos.
 - d) postura crítica frente à ambigüidade de situações.
 - e) fatos importantes no relacionamento índio/português.

AD*Identificar, em textos literários, traços de fortalecimento da cultura e identidade brasileira.*

- Em que fragmento está mais fortemente marcada a atitude combativa e irreverente da poesia modernista?
- a) “Gingam os bondes como um fogo / de artifício, sapateando nos trilhos, / cuspidando um orifício na treva cor de cal...” (Mário de Andrade)
 - b) “Há poesia / Na dor / Na flor / No beija-flor / No elevador” (Oswald de Andrade)
 - c) “Estou farto do lirismo comedido / Do lirismo bem comportado / Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente / protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor / Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no di-

cionário / o cunho vernáculo de um vocábulo.” (Manuel Bandeira)

- d) “Os meus amores são flores feitas de original... / Arlequina! ...Traje de losangos... cinza e ouro / Luz e bruma... Forno e inverno morno... / Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciúmes...” (Mário de Andrade)
- e) “É noite. A lua ardente e terna, / Verte na solidão sombria / A sua imensa, a sua eterna / Melancolia...” (Manuel Bandeira)

RL*Reconhecer a independência sintática nas orações de um período, no texto.***Dia da água**

Segundo a ONU, a escassez de água tem sérias implicações econômicas e vai comprometer seriamente o desenvolvimento de cerca de 50 países por volta de 2025. [...]

NASCIMENTO, Nilton. Dia da água. A Tarde, Salvador, 25 mar. 2001.

- Que opção apresenta orações sintaticamente independentes como no fragmento acima?
- a) “Sua casa ficava para trás da Serra do Mim, quase no meio do brejo de água limpa, lugar chamado o Temor-de-Deus.” (Guimarães Rosa)
 - b) “Então começaram a inventar, a criar histórias,

a inventar que passava fome com a família, que matava os negros...” (José Lins do Rego)

- c) “Catarina olhava a mãe e a mãe olhava a filha e, também a Catarina acontecera um desastre.” (Clarice Lispector)
- d) “No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio, notou que as operações de Sinhá Vitória (...) diferiam do patrão.” (Graciliano Ramos)
- e) “E chegando, aprendo que, /nessa viagem que eu fazia, /sem saber desde o Sertão, /meu próprio enterro eu seguia.” (João Cabral de Mello Neto)

RL*Reconhecer a relação de dependência entre as orações de um período, no texto.***Tentação**

Ela estava com soluço. E como se não bastasse a clareza das duas horas, ela era ruiva.

Na rua vazia as pedras vibravam de calor — a cabeça da menina flamejava. Sentada nos degraus de sua casa, ela suportava. [...]

Foi quando se aproximou a sua outra metade neste mundo, um irmão em Grajaú. A possibilidade de comunicação surgiu no ângulo quente da esquina, acompanhando uma senhora, encarnada na figura de um cão. Era um basset lindo e miserável, doce sob a sua fatalidade. Era um basset ruivo. [...]

Um grande soluço sacudiu-a desafinado. Ele nem sequer tremeu. Também ela passou por cima do soluço e continuou a fitá-lo. [...]

Que foi que se disseram? Não se sabe. Sabe-se apenas que se comunicaram rapidamente, pois não havia tempo. [...]

Sabe-se também que sem falar eles se pediam. Pediam-se com urgência, com encabulamento, surpreendidos.

LISPECTOR, Clarice. A Legião estrangeira. In: Seleta. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

► Em que opção todas as orações são dependentes umas das outras?

- a) “Na rua vazia as pedras vibravam de calor — a cabeça da menina flamejava.”
- b) “Era um basset lindo e miserável, doce sob a sua fatalidade”
- c) “Também ela passou por cima do soluço e continuou a fitá-lo.”
- d) “Sabe-se apenas que se comunicaram rapidamente, pois não havia tempo.”
- e) “Pediam-se com urgência, com encabulamento, surpreendidos.”

RL*Reconhecer a relação lógico-semântica estabelecida entre as orações independentes de um período, no texto.*

“[...] Desceram a ladeira, atravessaram o rio seco, tomaram rumo para o sul. [...]”

RAMOS, Graciliano. Vidas secas. 71 ed. Rio de Janeiro: Record.

► Que idéia as orações deste período exprimem?

- a) Explicação.
- b) Conclusão
- c) Alternância.
- d) Oposição.
- e) Adição.

RL	Reconhecer a oração subordinada substantiva como representação de um termo necessário à compreensão de outra oração, com base no texto.	
	► Em que opção a oração destacada completa o sentido de um nome? a) “É possível <u>que haja alguma coisa de flor em tudo isso</u>.” (Vinicius de Moraes) b) “Vai minha tristeza / E diz a ela / <u>que sem ela não pode ser</u>.” (Vinicius de Moraes/Tom Jobim)	c) “A realidade é <u>que sem ela não há paz</u>, não há beleza.” (Vinicius de Moraes/Tom Jobim) d) “[...] porque vinha de encontro à minha mais profunda suspeita <u>de que o rosto humano [...] fosse uma espécie de máscara</u>.” (Clarice Lispector) e) “Não sei bem <u>se é casa</u>, se é torre” (Vinicius de Moraes)

RL	Reconhecer as circunstâncias expressas pelas orações adverbiais, com base no texto.	
	“Sempre lutei muito. Minha família veio para a cidade <u>porque fui despedido quando as máquinas chegaram lá na Usina</u> [...]” Depoimento de integrante do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), de Corumbá, MS.	► No fragmento, quais as circunstâncias expressas pelas orações sublinhadas? a) Condição e comparação. b) Causa e tempo. c) Tempo e proporção. d) Causa e conformidade. e) Finalidade e tempo.

RL	Reconhecer a oração adjetiva como modificadora de um antecedente, com base no texto.	
	► Em que opção a oração restringe o termo que a antecede? a) “Nunca me esquecerei <u>que no meio do caminho tinha uma pedra</u>.” (Carlos Drummond de Andrade) b) “... como filhos são uma surpresa para nós, descobri com surpresa <u>que ele falava das duas esperanças</u>.” (Clarice Lispector)	c) “É verdade <u>que oficialmente, ela não passava de sua cozinheira</u>, nenhum outro compromisso entre eles.” (Jorge Amado) d) “De repente da calma faz-se o vento <u>que dos olhos desfaz a última chama</u>.” (Vinicius de Moraes) e) “Mas estarás mais ancho <u>que estavas no mundo</u>.” (João Cabral de Melo Neto)

RL	Reconhecer o efeito do uso da pontuação (reticências, aspas, exclamação, interrogação, vírgula e ponto-e-vírgula).	
	Memórias Póstumas de Brás Cubas [...] perguntava a mim mesmo por que não seria melhor deputado e melhor marquês do que o Lobo Neves. — eu, que valia mais, muito mais do que ele, e dizia isto a olhar para a ponta do nariz...” Machado de Assis. Memórias Póstumas de Brás Cubas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.	► As vírgulas destacadas, no trecho ao lado, servem para: a) destacar adjuntos adverbiais. b) separar termos coordenados. c) ligar orações coordenadas aditivas. d) separar oração de valor explicativo. e) indicar omissão de palavras.

AD

Identificar recursos de persuasão utilizados pelo autor em seu discurso.

Evite o consumo exagerado, principalmente no horário de pico. É entre 18 e 19:30h que o consumo aumenta em todo o País. E durante o horário de verão, entre 19 e 20:30h. Um exemplo disso é o chuveiro elétrico, um grande consumidor de energia. Troque as lâmpadas incandescentes por lâmpadas eficientes, que são



pouco mais caras, mas gastam

5 vezes menos e duram até

10 vezes mais. Ao

comprar uma

geladeira, freezer ou

ar-condicionado,

prefira os aparelhos

que têm o Selo Procel de

Economia de Energia.

Participe da Campanha Contra o

Desperdício de Energia. É bom

para você. É bom para o País. É

bom para o seu bolso.

ENERGIA É DINHEIRO. NÃO DESPERDICE.

Eletrobrás

Ministério
de Minas
e EnergiaBrasil
EM AÇÃO

► Que recurso foi utilizado na campanha publicitária para convencer o usuário?

- a) Linguagem basicamente poética.
- b) Formas verbais no imperativo.
- c) Apelo a musicalidade e ritmo.
- d) Uso exclusivamente de signos não-verbais.
- e) Linguagem humorística e crítica.

AD

Identificar recursos utilizados em função da intencionalidade do discurso.

O navio negreiro

[...] Stamos em pleno mar... abrindo as velas / Ao quente arfar das virações marinhas, / Veleiro brigue* corre à flor dos mares / Como roçam na vaga as andorinhas... // [...] Senhor Deus dos desgraçados! / Dizei-me vós, Senhor Deus! / Se é loucura... se é verdade / Tanto horror perante os céus... / Ó mar! Por que não apagas / Co'a esponja de tuas vagas / De teu manto este borrão? [...]

CASTRO ALVES, Antônio de. Poesia. 4. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1972.

*brigue = tipo de embarcação.

► Nesta parte do poema, o poeta Castro Alves, revoltado com as cenas terríveis que vê no navio negreiro, lança seu protesto, dirigindo-se a Deus e à natureza e o faz metaforicamente. No fragmento, "borrão", em sentido metafórico, refere-se a:

- a) mar.
- b) andorinha.
- c) flor.
- d) navio negreiro.
- e) vagas.

AD

Reconhecer a relação conteúdo × forma presente em poema.

TEXTO 1:**Os Lusíadas, VI, 8**

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas saem furibundas,
Quando às iras do vento o mar responde,
Netuno mora e moram as jucundas
Nereidas e outros Deuses do mar, onde
As águas campo deixam às cidades
Que habitam estas úmidas Deidades.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Obras Completas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

TEXTO 2:**A Onda**

a onda anda
aonde anda
a onda?
a onda ainda
ainda onda
ainda anda
aonde?
aonde?
a onda a onda

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

► Analisando-se os textos 1 e 2, pode-se concluir que:

- a) Camões já utilizava uma forma mais livre, destacando os recursos sonoros.
- b) os dois poetas, separados por mais de 400 anos, revelam características formais semelhantes.
- c) M. Bandeira optou por novos recursos formais para exprimir sua visão do mundo.
- d) no texto de Camões, há o recurso da rima, elemento formal imprescindível em todo poema.
- e) a preocupação com a forma, no poema de Bandeira, prejudicou o desenvolvimento do tema.

AD

Reconhecer traços característicos da literatura de denúncia da realidade brasileira.

Vidas Secas

A vida na fazenda se tornara difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelo redemoínhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados. [...]

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. São Paulo: Martins, 1967.

► Qual dos trechos apresenta a mesma característica temática do fragmento acima?

- a) “Com arranco, calou-se. Como arrependido de ter começado assim, de evidente. Contra que aí estava com o fígado em más margens; pensava, pensava. [...]” (Guimarães Rosa)
- b) “Uma vida completa pode acabar numa identificação tão absoluta com o não-eu que não have-

rá mais um eu para morrer.” (Clarice Lispector).

- c) “[...] — Pois fui sempre lavrador, / lavrador de terra má; / não há espécie de terra / que eu não possa cultivar. / — Isso aqui de nada adianta, / pouco existe o que lavar;” (João Cabral de Melo)
- d) “Catar feijão se limita com escrever / joga-se os grãos na água do alguidar / e as palavras na folha de papel; / e depois, joga-se fora o que boiar.” (João Cabral de Melo)
- e) “[...] Quando horas depois a atmosfera em casa acalmou-se, minha irmã me penteou e pintou-me. Mas alguma coisa tinha morrido em mim [...]” (Clarice Lispector)

AD*Identificar traços de universalização de conflitos humanos em textos literários.***Você é um número**

[...] Vamos ser gente, por favor. Nossa sociedade está nos deixando secos como um número seco, como um osso branco seco exposto ao sol. Meu número íntimo é 9. Só. 8. Só. 7. Só. Sem somá-los nem transformá-los em novecentos e oitenta e sete. Estou me classificando com um número? Não, a intimidade não deixa. Vejam, tentei várias vezes na vida não ter número e não escapei. O que faz com que precisemos de muito carinho, de nome próprio, genuinidade. [...]

LISPECTOR, Clarice. In: City News.

► O trecho ao lado revela:

- a) necessidade de autenticidade e de sentimentos.
- b) apelo veemente às ciências matemáticas.
- c) aceitação passiva a todas as regras impostas.
- d) luta por uma sociedade mais individualista.
- e) total valorização quantitativa do homem.

RL*Identificar a relação de concordância entre o nome e seus determinantes.***A fuga**

[...] Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinheiro que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido.

Saíram de madrugada. Sinha Vitória meteu o braço pelo buraco da parede e fechou a porta da frente com a taramela. Atravessaram o pátio, deixaram na escuridão o chiqueiro e o curral, vazios, de porteiras abertas, o carro de bois que apodrecia, os juazeiros. Ao passar junto às pedras onde os meninos atiravam cobras mortas, Sinha Vitória lembrou-se da cachorra Baleia, chorou, mas estava invisível e ninguém percebeu o choro.

RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. São Paulo: Martins, 1967.

► Assinale a opção em que o termo entre parênteses completaria a frase, sendo flexionado.

- a) Fabiano e Sinha Vitória estavam preocupados. (meio)
- b) Eles saíram de madrugada e ficaram (alerta)
- c) Não poderiam liquidar as dívidas exageradas. (muito)
- d) Eles tinham razões para partir. (bastante)
- e) os meninos não se preocupavam com a seca. (só)

RL*Reconhecer a relação de concordância entre um verbo e outros termos na oração, no texto.***Temporal**

[...] Um homem na estiva disse ao companheiro que ia haver tempestade. Como um monstro estranho um guindaste atravessou a chuva e o vento, carregando fardos. O vento passava veloz, assoviando, derrubando coisas, amedrontando as mulheres. A chuva embaciava tudo, fechava até os olhos dos homens. Só os guindastes se moviam. [...]

AMADO, Jorge. Terras do sem fim. [s.n.t.]

► Passando da voz ativa para a passiva, indique a opção em que uma das formas verbais destacadas no texto foi corretamente substituída.

- a) atravessou – seria atravessada.
- b) derrubando – seriam derrubados.
- c) amedrontando – seria amedrontado.
- d) fechava – eram fechados.
- e) moviam – seriam movidos.

AD

Reconhecer o significado e o efeito de sentido de signos verbais e não verbais.

APOSENTADA...
OS FILHOS
ENCAMINHADOS...



A TERCEIRA IDADE
VAI SER UM TÊDIO
SÓ, EU PENSEI.



AGORA ESTOU CHEIA
DE AMIGOS, CHEIA
DE ATIVIDADES,
O NEGÓCIO
PROSPERANDO...



... E SEM TÊDIO
NENHUM.



... COM TODO O
MEU TEMPO
LIVRE PELA
FRENTE.



AÍ PROCUREI GENTE,
FIZ CURSOS,
MONTEI UM
NEGÓCIO.



... SEM TEMPO
PARA NADA...



SERÁ QUE ESTOU
TENDO UMA
TERCEIRA IDADE
NORMAL?



► A palavra "aí", na 4ª fala da personagem, pode ser substituída por:

- a) também.
- b) nunca.
- c) contudo.
- d) aliás.
- e) então.

IE

Depreender a idéia central em textos que contenham recursos gráficos.



► O que é importante na mensagem dessa tirinha de Quino?

- a) A habilidade que tem Mafalda de jogar com as palavras.
- b) Ironia à distância existente entre o ensino e a realidade.
- c) Comparação do que é ensinado com a fala de um bebê.
- d) A repetição constante da mesma vogal em palavras próximas, numa frase.
- e) O uso de um código especial para facilitar o entendimento das frases.

AD*Reconhecer a diferença de linguagem em diferentes textos.***Fragmento A:**

— Diabo! A mó que é o Joli do Pedro Surdo? e com uma pedra o espanta. Sai porquera! Não ouve o carro? Não tem medo de morrê masgaiado?

LOBATO, Monteiro. *Cidades mortas*. São Paulo: Brasiliense, 1965.

Fragmento B:

[...] O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro, repon-ta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreen-dente de força e agilidade extraordinárias.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 27. ed. Brasília: UNB, 1963.

► Nota-se, nos fragmentos, diferenças de linguagem. Em que alternativa ocorre um exemplo dessas dife-renças?

- a) Fragmento A – linguagem regionalista bem ela-borada.
- b) Fragmento A – linguagem basicamente denota-tiva.
- c) Fragmento A – linguagem regionalista e popu-lar.
- d) Fragmento B – função poética da linguagem bem evidente.
- e) Fragmento B – utilização intensa de recursos so-noros.

RL*Identificar a relação causa/conseqüência entre os elementos de um texto.***O Brasil não deve fabricar a bomba atômica.**

A bomba atômica não é elemento efetivo de segu-rança nacional. Seu emprego como dissuasório, ainda que discutível, só vale no plano das duas grandes po-tências nucleares, que não são grandes porque têm a bomba atômica, mas têm a bomba atômica porque são grandes.

Nas mãos de potências menores, a bomba atômica perde muito desse sentido e representa mais um risco de guerra do que uma garantia de paz. Sua presença no arsenal de países mal-organizados e, portanto, sem a infra-estrutura não só militar, como civil, que dá o sen-tido pleno de segurança nacional, é uma tentação peri-gosa de querer compensar o desequilíbrio efetivo por uma ação de surpresa. A bomba atômica adquire nesse caso um sentido de ofensiva. Não vejo como qualquer razão de segurança nacional poderia levar o Brasil de hoje a uma aventura cara e ao mesmo tempo inútil.

A bomba atômica também não é condição necessá-ria para o desenvolvimento nuclear de um país. [...]

CUNHA, Almirante Otacílio. *Revista Realidade*.

► Que opção apresenta uma relação correta de cau-sa e conseqüência entre os elementos do texto, se-gundo o autor?

- a) “bomba atômica” (linha 7); “garantia de paz” (li-nha 9).
- b) “são grandes [potências]” (linhas 5 e 6); “bomba atômica” (linha 5).
- c) “aventura cara” (linha 17); “bomba atômica” (li-nha 14).
- d) “bomba atômica” (linha 1); “segurança nacional” (linhas 1-2).
- e) “bomba atômica” (linha 18); “condição de desen-volvimento nuclear” (linhas 18-19).

AD*Reconhecer o efeito de sentido resultante da utilização de recursos estilísticos (figuras).***Leveza**

Leve é o pássaro
e a sua sombra voante,
mais leve

E a cascata aérea
de sua garganta,
mais leve

E o que lembra, ouvindo-se
deslizar seu canto,
mais leve

E a fuga invisível
do amargo passante,
mais leve.

MEIRELES, Cecília. Obra poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

► Identifique o recurso estilístico empregado no texto.

- a) Aproximação de elementos contrastantes.
- b) Redundância como ênfase de uma afirmação.
- c) Repetição de palavras para realçar a idéia.
- d) Oposição entre as idéias apresentadas.
- e) Exagero com o intuito de valorizar a linguagem.

AD*Comparar textos de diferentes autores quanto ao tratamento temático e aos recursos formais.***Fragmento A**

[...] sempre que se começa a ter amor a alguém, no ramerrão, o amor pega e cresce é porque, de certo jeito, a gente quer que isso seja, e vai, na idéia, querendo e ajudando: mas, quando é destino dado, maior que o miúdo, a gente ama inteiro, fatal, carecendo de querer, e só um facear com as surpresas. Amor desse cresce primeiro; brota é depois. [...]

ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

Fragmento B

Meu amor é simples, Dora,
Como a água e o pão.
Como o céu refletido
Nas pupilas de um cão.

PAES, José Paulo. Um por todos, poesia reunida. São Paulo: Brasiliense, 1986.

► Que opção analisa corretamente os fragmentos?

- a) Os fragmentos A e B tratam do sentimento próximo ao amor.
- b) Os fragmentos A e B assemelham-se pelo emprego da linguagem.
- c) Os fragmentos A e B tem temática semelhante e formas diferentes.
- d) O fragmento A revela muito pouco o sentimento do eu-lírico.
- e) O fragmento A revela o sentimento amoroso e o B analisa-o.

RL*Reconhecer, através do contexto (co-texto) elementos de significação completa (predicação verbal).***No caminho com Maiakóvski**

[...] Na segunda noite, já não se escondem:
pisam as flores,
matam nosso cão,
e não dizemos nada.
Até que um dia,
o mais frágil deles
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a luz, e,
conhecendo nosso medo,
arranca-nos a voz da garganta.
E já não podemos dizer nada. [...]

COSTA, Eduardo Alves da. No caminho com Maiakóvski. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

► Das formas verbais “pisam” (verso 3), “matam” (verso 4), “entra” (verso 8) e “rouba” (verso 9), no texto, qual a que apresenta significação completa?

- a) Rouba.
- b) Arranca.
- c) Pisam.
- d) Entra.
- e) Matam.

Textos como Estímulos para as Questões dos Testes

Textos como estímulos para as questões

Os testes de Língua Portuguesa da Avaliação de Desempenho são compostos por questões (itens) relacionados a textos (sejam eles integrais ou fragmentos). A escolha desses estímulos é bastante criteriosa e considera aspectos como: grau de dificuldade do texto em relação à série, adequação aos descritores que serão avaliados, capacidade de despertar o interesse para sua leitura e adequação da temática à idade dos alunos.

Desde 2001, muitas escolas têm informado ao Projeto de Avaliação Externa estarem utilizando, como material para o trabalho em sala de aula, os estímulos das questões dos testes da Avaliação de Aprendizagem. Assim, como mais um apoio aos professores, serão apresentados, a seguir, textos-exemplo para as séries envolvidas.

Os exemplos estão identificados com a série a qual se destina. Eles estão, em geral, agrupados e analisados em relação às características comuns. As considerações feitas em relação aos textos privilegiam o conteúdo e a forma, além de fazerem referências aos descritores que, em geral, podem ser avaliados a partir desses estímulos.

<i>Texto para a 4ª série do Ensino Fundamental</i>	<i>Texto para a 4ª série do Ensino Fundamental</i>
Biloca, Fiquei sabendo que você fez aniversário dia 29. Eu fiz dia 28. Nós quase não somos amigas, mas estamos na mesma classe. Eu gostaria muito de ser sua amiga. É claro que eu não sou sua inimiga, mas também não sou ainda amiga. Eu gosto do seu jeito, você é alegre e sincera e eu gostaria de ter uma amiga assim. Não tenho nenhuma. Se você quiser ser minha amiga nós seremos. Um grande beijo. Tatiana GARCIA, Edson Gabriel. São Paulo: Atual, 1985.	Queluz, 15 de maio de 1998. Querida Pati, Como você está nos seus 7 anos de vida? Eu estou bem, melhorei muito da alergia que me incomodava nos feriados do carnaval. Sinto muitas saudades de você, das suas brincadeiras, suas cantigas, sua alegria. Você vai comemorar com uma festinha o seu aniversário? Fazer 8 anos é uma felicidade muito grande, principalmente quando estamos com as pessoas que queremos bem. Abraços à mamãe e ao papai. Para você mil beijos. Da madrinha Maria Carmem NETO, Antonio. São Paulo: FTD, 1998.

Os textos são comunicações (cartas) informais entre amigos em que se contam as novidades do dia-a-dia. Por isso a linguagem é simples, bem próxima à coloquial, com uso de recursos da linguagem oral como: perguntas e respostas rápidas, repetições de palavras, etc. Eles apresentam, contudo, seqüência lógica no desenvolvimento das idéias, o que deve ser observado pelos leitores. A segunda carta apresenta uma linguagem mais elaborada, por se tratar de uma correspondência entre pessoas de idades diferentes.

Em relação a textos como esses, é possível avaliar descritores relativos às idéias central e secundária, bem como à localização de informações. Além disso, favorecem o trabalho com descritores que tratam do vocabulário utilizado pelo autor. Também é possível verificar, através desses textos, se os alunos demonstram conhecer os marcadores textuais característicos de uma carta, tais como: data, nomes do emissor e do receptor etc.

Texto para a 4ª série do Ensino Fundamental**Onça**

A história se deu no Amazonas. O sujeito me contou que tinha saído de madrugada para o seringal. Não sabe como, se distraiu, deixou a estrada de terra batida: quando deu em si, estava perdido na mata.

Rodou, rodou, até que topou com um pau tão grosso que quatro homens de mãos dadas não o abraçavam. E acontecia que esse pau tinha um oco bem no meio, cavado a modo de um pilão — sendo porém que o tal pilão tinha umas duas braças de fundo por uma braça de largo. E por uma fenda que mostrava o interior do oco ele viu que uma onça ali agasalhara a ninhada, e dois filhotes roncavam e buliam lá dentro.

A onça não estava no ninho; e o homem, deu-lhe uma grande vontade de apanhar os gatinhos e os levar para criar. Com muita dificuldade subiu no pau, se agarrando no cipó, e foi descendo pelo meio do oco em procura dos gatos. Mas a meio do caminho o cipó rebentou, e ele caiu em cheio dentro da cova da onça. [...]

E o pior não era isso, o pior foi mesmo quando a onça velha apareceu, farejou pela fenda e veio ver o que lhe acontecera aos filhos.

De um salto a fera subiu no pau, e de lá de cima veio, baixando, mas de costas, primeiro o rabo, depois as patas, enquanto ia se agarrando com as unhas para amortecer a descida. E aí o homem, que já se via morto, teve de repente uma idéia.

Estendeu a mão e quando o rabo da onça chegou ao seu alcance, agarrou-se a ele, dando um berro com toda a força do peito.

Onça!

QUEIROZ, Rachel de. Onça. [s.n.t.]

Texto para a 4ª série do Ensino Fundamental**O menino sabido**

Pedro é um menino travesso, mas inteligente.

Ele frequenta uma escola perto de sua casa e gosta muito, porque acha divertido.

Um dia, na hora da recreação, a professora perguntou quem gostaria de fazer uma brincadeira.

Pedro logo disse:

— Eu quero!

E, indo à frente, falou aos seus colegas:

— Quem adivinha o que eu tenho no bolso de minha calça?

— Uma bala!

— Uma moeda!

— Uma bolinha! — disseram as crianças.

Pedro riu a valer e disse:

— Ninguém acertou.

— A professora, então, falou:

— Aposto que eu acerto. É um bichinho.

— Nada disso — falou Pedro.

E, com cara de malandro, muito sabido, ele vira o bolso pelo avesso e mostra:

— Um furinho...

(Autor desconhecido. Em Subsídios para a Implantação do Guia Curricular de Língua Portuguesa para o 1º grau — 1ª a 4ª séries — São Paulo, SE/CENP, 1977.)

Textos narrativos permitem um trabalho com descritores que buscam a identificação das idéias principais e secundárias, levando o aluno a acompanhar o desenvolvimento da história e a identificar a caracterização dos personagens. No texto “Onça”, o autor apresentou situações curiosas e criou um suspense em relação ao que poderia acontecer ao homem. Esse tipo de texto possibilita o diagnóstico da capacidade de compreensão e interpretação dos alunos e da habilidade para aplicar os conhecimentos lingüísticos no entendimento das idéias expressas pelo autor. Em textos, como o “Menino Sabido”, em que aparecem muitos diálogos, podem ser avaliadas a identificação das falas dos personagens e a utilização e significação dos sinais de pontuação. Em ambos, é possível trabalhar também descritores que se referem à coesão e coerência do discurso.

Texto para a 4ª série do Ensino Fundamental	Texto para a 4ª série do Ensino Fundamental
Atenção, detetive Se você for detetive, descubra por mim que ladrão roubou o cofre do banco do jardim e que padre disse amém para o amendoim. Se você for detetive, faça um bom trabalho: me encontre o dentista que arrancou o dente do alho e a vassoura sabida que deixou a louca varrida. Se você for detetive, um último lembrete: onde foi que esconderam as mangas do colete e quem matou os piolhos da cabeça do alfinete? PAES, José Paulo. Poemas para Brincar. São Paulo: Ática, 1990.	A foca fugitiva A foca fugiu feliz de seu país. Disse: — Tudo azul. Vou pra América do Sul! De turista, acabou virando artista. Agora, a coitada, é forçada a fazer palhaçada. Equilibra balões, joga bola, rebola, e dança, pra juntar na poupança uns milhões, só pra voltar pro seu mar. JOSÉ, Elias. Um pouco de tudo, de bichos, de gente, de flores. São Paulo: Paulus, 1982.

Ao se explorarem poemas como os de José Paulo Paes e Elias José nas avaliações de 4ª série, aproveita-se a oportunidade para colocar o aluno em contato com a poesia. É interessante observar, no primeiro texto, como o poeta se dirige ao pequeno leitor, brincando com idéias e com palavras, dando um tom bem humorado e ágil ao texto como se ele fosse uma cantiga. Isso também acontece no segundo texto, em que o autor, além de narrar as aventuras da foca, trabalha com a sonoridade das palavras (como nos versos: “A foca fugiu / feliz.”), construindo versos curtos e bem ritmados, fáceis de memorizar.

Textos como esses permitem a verificação de habilidades como a identificação de palavras que imprimem sonoridade ao texto poético, bem como o reconhecimento do significado e emprego de palavras ou expressões.

Texto para a 4ª série do Ensino Fundamental**Nem tudo que se joga fora é lixo**

Todo dia da nossa vida, a gente pega tudo o que não interessa mais e joga fora, certo? Daí vem o lixeiro e leva. Parece simples, mas... para onde o lixeiro leva o lixo? Há lugares onde eles jogam tudo, que são os lixões. Lá, os homens ficam pondo lixo e enterrando, até que junta tanto lixo que nem todas as máquinas do mundo conseguiriam enterrar. Nessa hora, é preciso encontrar novos lugares para fazer novos lixões. A gente nunca pensa nisso, afinal os lixões são todos longe da casa da maioria de nós. Mas fique sabendo que isso é problema desse tamanho!

Algumas coisas que nós jogamos fora são tão venenosas que contaminam a terra dos lixões por muitos anos. O problema é que não existe mágica. Enquanto a gente viver, vai produzir lixo. O jeito menos besta de ajudar nisso é criar a menor quantidade de lixo possível. Como?

Reciclando. Reciclar não é só juntar vidro e jornal e vender para o garrafeiro, que vai vender para a fábrica de vidro ou papelão.

Ou então dar para o lixeiro nas cidades que coletam lixo reciclado.

A gente precisa aprender a gastar bem as coisas antes de jogar fora! Usar sempre o papel dos dois lados, usar vidros e saquinhos pra guardar outras coisas depois de bem lavadinhos... Se a gente não se preocupar com isso, logo vai haver uma montanha fedida perto da nossa casa! Escute o que eu estou falando!

BONASSI, Fernando. Nem tudo que se joga fora é lixo. Folha de São Paulo, São Paulo, 24 jan. 1998. Formato, Folhinha de S. Paulo.

Texto para a 4ª série do Ensino Fundamental**A capoeira, mistura de dança e luta criada pelos escravos, chega às escolas e atrai cada vez mais meninos e meninas.**

Aulas de capoeira: dançando e cantando, com muita ginga, no pátio da escola.

Foi-se o tempo em que a capoeira era tida como uma luta perigosa e proibida. Nos últimos anos, essa mistura de dança e arte marcial criada pelos escravos africanos espalhou-se pelo Brasil no ritmo contagiante de sua música. Hoje, a capoeira é praticada por pessoas de todas as idades e até ensinada nas escolas.

Os mestres dizem que quanto mais cedo se começa na capoeira melhor. Segundo eles, enquanto você é jovem o corpo tem uma maior elasticidade e mobilidade, essenciais para se realizar os exercícios mais complicados.

Magia — Para aqueles que nunca assistiram a uma roda de capoeira, a primeira impressão é quase inexplicável. São corpos flutuando pelo ar, dançando e gingando de uma forma tão insinuante, que seus olhos se prendem aos movimentos do capoeirista, como se estivessem tentando descobrir onde se esconde a mágica.

A roda é o momento mais empolgante da aula. Depois de treinar todos os fundamentos, os capoeiristas mirins se sentam no chão, formando um grande círculo onde, dois a dois, todos irão dançar e lutar. Aqueles que estiverem sentados ficam cantando e batendo palmas.

[...]

A capoeira, mistura de dança e luta criada pelos escravos, chega às escolas e atrai cada vez mais meninos e meninas.

Revista Zé, n. 3, set. 1996.

O trabalho com o texto informativo é muito importante uma vez que, além de abordar assuntos variados, serve também para estimular os alunos a fazerem pesquisas, organizarem debates sobre o tema, ampliando, desse modo, o seu conhecimento. É o caso do primeiro texto, que fala sobre a reciclagem do lixo. Ele pode ser um ponto de partida para que os alunos contem suas experiências em relação ao tema, formem opiniões, tomem até decisões, modificando atitudes. O segundo texto trata de um assunto que atrai naturalmente a atenção dos alunos, por se tratar de algo ligado à dança e à música. Além disso, a capoeira faz parte das raízes brasileiras.

O trabalho com esses textos, em uma avaliação, pode permitir que os alunos demonstrem habilidades relativas à identificação de idéias, à localização de informações, à realização de inferências e à mobilização de atitudes lingüísticas, entre outros.

Texto para a 4ª série do Ensino Fundamental**A Água**

Água é uma substância fria e mole. Não tão fria quanto o gelo nem tão mole quanto gema de ovo porque gema de ovo arrebenta quando a gente molha o pão e a água não. A água é fria mas só quando a gente está dentro. Quando a gente está fora nunca se sabe a não ser a da chaleira, que sai fumaça. A água do mar mexe muito, mas se a gente põe numa bacia ela pára logo. Água serve pra beber, mas eu prefiro leite e papai gosta de cerveja. Serve também pra tomar banho e esse é o lado mais ruim da água. Água é doce e é salgada quando está no rio ou no mar. A água doce se chama assim, mas não é doce, agora a água salgada é bastante. A água de beber sai da bica, mas nunca vi como ela entra lá. Também no chuveiro a água sai fininha, mas não entendo como ela cai fininha quando chove pois o céu não tem furo. A água ainda serve também pra gente pegar resfriado que é quando ela escorre do nariz. Fora isso não sei mais nada da água.

FERNANDES, Millôr. Tempo e contratempo. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1998.

Em vez de apresentar informações precisas sobre a água, o autor utiliza-se da visão e da linguagem da criança para falar sobre o assunto, resultando num texto bem humorado, alegre e de fácil compreensão. A partir de textos interessantes como esse, pode-se verificar se o aluno é capaz de reconhecer e identificar as informações básicas presentes no texto. O autor faz uso também de palavras e expressões próprias da linguagem oral, o que possibilita que habilidades para a percepção de variações lingüísticas sejam também pesquisadas. Descritores referentes à mobilização de atitudes lingüísticas poderão ser também trabalhados.

Texto para a 8ª série do Ensino Fundamental	Texto para a 8ª série do Ensino Fundamental
Soneto da fidelidade De tudo, ao meu amor serei atento Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto Que mesmo em face do maior encanto Dele se encante mais meu pensamento. Quero vivê-lo em cada vão momento E em seu louvor hei de espalhar meu canto E rir meu riso e derramar meu pranto Ao seu pesar ou seu contentamento. E assim, quando mais tarde me procure Quem sabe a morte, angústia de quem vive Quem sabe a solidão, fim de quem ama Eu possa dizer do meu amor (que tive): Que não seja imortal, posto que é chama Mas que seja infinito enquanto dure. MORAES, Vinícius de. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1974.	Meu povo, meu poema Meu povo e meu poema crescem juntos como cresce no fruto a árvore nova. No povo meu poema vai nascendo como no canavial nasce verde o açúcar. No povo meu poema está maduro como o sol na garganta do futuro. Meu povo em meu poema se reflete como a espiga se funde em terra fértil. Ao povo seu poema aqui devolvo menos como quem canta do que planta. GULLAR, Ferreira. Os melhores poemas. São Paulo: Global, 1983.

A aproximação mais estreita com a poesia deve começar bem cedo na vida dos alunos e, na 8ª série, eles devem ter um estudo mais sistematizado de textos literários, incluindo evidentemente os poemas.

Nesses dois textos, ambos do Modernismo, os poetas apresentam não só modos diferentes de recriar a realidade, como também aspectos formais diversos. O primeiro, um soneto, fala de um tema eterno: o amor. É importante notar que o mais evidente são as emoções, os sentimentos que o poeta transmite e sugere. A linguagem é basicamente conotativa, cheia de figuras, como por exemplo, a antítese em: “Ao seu pesar ou seu contentamento”, ou pleonasma em: “rir meu riso”. Chama-se também a atenção para a estrutura do soneto que é um poema de forma fixa, com regras bem definidas.

No segundo poema, há uma visível mudança em relação ao tema e à abordagem feita pelo poeta. Ele expõe uma concepção em que é clara a determinação de criar uma poesia que esteja profundamente identificada com o povo, uma poesia cuja função social seja explícita e a sua vinculação à realidade do cotidiano seja o elemento principal.

Os dois textos permitem a avaliação de descritores referentes à linguagem conotativa e denotativa, verificando o conhecimento das figuras de linguagem, além daqueles que dizem respeito principalmente à identificação de idéias e localização de informações básicas do texto.

Texto para a 8ª série do Ensino Fundamental**São Bernardo**

Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste [...]

Emoções indefiníveis me agitam — inquietação terrível, desejo doido de voltar, tagarelar novamente com Madalena, como fazíamos todo os dias, a esta hora. Saudade? Não, não é isto; é desespero, raiva, um peso enorme no coração.

Procuo recordar o que dizíamos. Impossível. As minhas palavras eram apenas palavras, reprodução imperfeita de fatos anteriores, e as dela tinham alguma coisa que não consigo exprimir. Para senti-las melhor, eu apagava as luzes, deixava que a sombra nos envolvesse até ficarmos dois vultos indistintos na escuridão.

Lá fora os sapos arengavam, o vento gemia, as árvores do pomar tornavam-se massas negras.

— Casimiro!

Casimiro Lopes estava no jardim, acorocado ao pé da janela, vigiando.

— Casimiro!

A figura de Casimiro Lopes aparece à janela, os sapos gritam, o vento sacode as árvores, apenas visíveis na treva. Maria das Dores entra e vai abrir o comutador. Detenho-a: não quero luz.

O tique-taque do relógio diminui, os grilos começam a cantar. E Madalena surge no lado de lá de mesa. Digo baixinho:

— Madalena!

A voz dela me chega aos ouvidos. Não, não é aos ouvidos. Também já não a vejo com os olhos.

Estou encostado à mesa, as mãos cruzadas. Os objetos fundiram-se, e não enxergo sequer a tolha branca.

— Madalena...

A voz de Madalena continua a acariciar-me. Que diz ela? Pede-me naturalmente que mande algum dinheiro a Mestre Caetano. Isto me irrita, mas a irritação é diferente das outras, é uma irritação antiga, que me deixa inteiramente calmo. Loucura estar uma pessoa ao mesmo tempo zangada e tranqüila. Mas estou assim. Irritado contra quem? Contra Mestre Caetano. Não obstante ele ter morrido, acho bom que vá trabalhar. Mandrião! [...]

RAMOS, Graciliano. São Bernardo. Rio de Janeiro: Record, 1978.

Texto para a 8ª série do Ensino Fundamental**Uma esperança**

Aqui em casa pousou uma esperança. Não a clássica que tantas vezes verifica-se ser ilusória, embora mesmo assim nos sustente sempre. Mas a outra, bem concreta e verde: o inseto.

Houve o grito abafado de um de meus filhos:

— Uma esperança! e na parede bem em cima de sua cadeira! Emoção dele também que unia em uma só as duas esperanças, já tem idade para isso. Antes surpresa minha: esperança é coisa secreta e costuma pousar diretamente em mim, sem ninguém saber, e não acima de minha cabeça, numa parede. Pequeno rebuliço: mas era indubitável, lá estava ela, e mais magra e verde não podia ser.

— Ela quase não tem corpo, queixe-me.

— Ela só tem alma, explicou meu filho e, como filhos são uma surpresa para nós, descobri com surpresa que ele falava das duas esperanças.

Ela caminhava devagar sobre os fiapos das longas pernas, por entre os quadros da parede. Três vezes tentou renitente uma saída entre dois quadros, três vezes teve que retroceder caminho. Custava [...] a aprender.

— Ela é burrinha, comentou o menino.

— Sei disso, respondi um pouco trágica.

— Está agora procurando outro caminho, olhe, coitada, como ela hesita.

— Sei, é assim mesmo.

— Parece que esperança não tem olhos, mamãe, é guiada pelas antenas.

— Sei, continuei mais feliz ainda.

[...]

Andava mesmo devagar — estaria por acaso ferida? Ah não, senão de um modo ou de outro escorreria sangue, tem sido sempre assim comigo.

Foi então que farejando o mundo que é comível, saiu de trás de um quadro uma aranha. Não uma aranha, mas me parecia a aranha. Andando pela sua teia invisível, parecia transladar-se maciamente no ar. Ela queria a esperança. Mas nós também queríamos e, oh! Deus, queríamos menos que comê-la. Meu filho foi buscar a vassoura. Eu disse fracamente, confusa, sem saber se chegara infelizmente a hora certa de perder a esperança:

— É que não se mata aranha, me disseram que traz sorte...

— Mas ela vai esmigalhar a esperança! Respondeu o menino com ferocidade.

— Preciso falar com a empregada para limpar atrás dos quadros — falei sentindo a frase deslocada e ouvindo o certo cansaço que havia na minha voz. Depois devaneei um pouco de como eu seria sucinta e misteriosa com a empregada: eu lhe diria apenas: você faça o favor de facilitar o caminho da esperança.

O menino, morta a aranha, fez um trocadilho com o inseto e a nossa esperança. Meu outro filho, que estava vendo televisão, ouviu e riu de prazer. Não havia dúvida: a esperança pousara em casa, alma e corpo.

LISPECTOR, Clarice. O primeiro beijo e outros contos. São Paulo: Ática, 1993.

Os textos acima, da mesma forma que os poemas “Soneto da fidelidade” e “Meu povo, meu poema”, são importantes para que se comece a preparar o aluno da 8ª série com vistas ao estudo e a avaliação da Literatura nos anos seguintes. É preciso que os alunos percebam como esses escritores criam situações diferentes e, ao mesmo tempo, levam o leitor para o “interior” dos personagens, mostrando suas dúvidas, angústias, esperanças, suas reflexões sobre a vida. A avaliação permite diagnosticar se esta competência foi desenvolvida.

Pode-se ressaltar, no primeiro texto, o modo como a linguagem foi construída, com parágrafos e períodos curtos que se sucedem rapidamente porque mostram o ritmo do pensamento do personagem, suas lembranças amargas, seu contato com o que é irreparável. No segundo texto, a autora coloca ela própria, o filho, os leitores, todos olhando um inseto na parede e com ela todos pensam nas duas representações da esperança: a real e a imaginária. Logo no início do texto, observa-se o que se chama de ambigüidade. E a ambigüidade que se anuncia na primeira frase é base para a composição do texto.

A habilidade requerida para a identificação da forma pela qual o autor constrói a linguagem, presente no texto, envolve descritores relativos à mobilização de atitudes lingüísticas, além dos referentes aos aspectos discursivos do texto, notadamente aqueles que abordam a linguagem conotativa e denotativa.

Texto para a 8ª série do Ensino Fundamental	Texto para a 8ª série do Ensino Fundamental
Beleza interior Não é difícil melhorar a aparência física: roupas modernas, plástica, alimentação adequada e nada de vícios. Você poderá modificar-se, em pouco tempo, se assim desejar. Entretanto, a beleza interior não se adquire consultando figurinos, dietista ou entrando numa academia de ginástica. Tem um currículo, que vem desde o seu nascimento, até os seus últimos dias de existência. Você não a percebe, somente os outros. Quanto mais o tempo passa, mais sólida ela se faz, mais se reflete em nossa alma. É a única que não envelhece! Ocupa seu espaço sem destronar ninguém, escuta sem criticar. Em seu silêncio, percebe-se a linguagem do amor. A beleza interior cresce, dia-a-dia, sem dilatar a alma. Ela é como as grandes obras, embora muitas vezes não compreendidas, são sentidas e procuradas. Essa beleza é imaculada! Não é do tipo “cheguei”, mas “estou aqui, há muito tempo”... CÉSAR, Maria Salgado. Infância. 2. ed. São Paulo: Mageart, 1985.	Hoje Nas noites de verão, ou todas as noites, depois do jantar, o pai abandona a mesa. Ainda com a xícara de café na mão, ele se dirige à caixa quadrada. A deusa dos raios azulados espera o toque. Para emitir som e luz, imagem e movimento. Todos se ajeitam. O lugar principal é para o pai. Ninguém conversa. Não há o que falar. O pai não traz nada da rua, do dia-a-dia, do escritório. Os filhos não perguntam, estão proibidos de interromper. A mulher mergulha na telenovela, no filme. Todos sabem que não virá visita. E se vier alguma, vai chegar antes da telenovela. Conversas esparsas durante os comerciais. A sensação é que basta estar junto. Nada mais. Silenciosa, a família contempla a caixa azulada. Os olhos excitados, cabeças inflamadas. Recebendo, recebendo. Enquanto o corpo suportar, estarão ali. Depois, tocarão o botão e a deusa descansará. Então, as pessoas vão para as camas, deitam e sonham. Com as coisas vistas. Sempre vistas através da caixa. Nunca sentidas ou vividas. Imunizadas que estão contra a própria vida. BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Dentes ao sol. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

Nas crônicas são preferencialmente apresentados temas da atualidade, trazendo comentários e pontos de vista dos autores.

Em relação ao primeiro texto, “Beleza Interior”, enfatiza-se o objetivo do autor em convencer o leitor a aceitar suas idéias sobre o tema. Os elementos persuasivos estão muito claros. A escritora sempre se dirige ao leitor de um modo informal, tratando-o de “você”, para torná-lo cúmplice das idéias que expõe. Constrói parágrafos e períodos curtos para chamar a atenção e dar mais ênfase aos seus argumentos. Descritores relativos à intencionalidade do autor são muito pertinentes nesse caso.

No segundo texto, “Hoje”, o escritor escolheu outra estratégia para discutir o assunto: a alienação causada pela TV. Ele descreve a cena em que a família se reúne em volta da televisão, como se estivesse projetando um filme. Usa um tom irônico, amargo, duro. Vale-se também de períodos curtos e expressões sem verbos que causam mais impacto ao leitor. Exemplos: “Então, as pessoas vão para as camas, deitam e sonham. Com as coisas vistas (...) Imunizadas que estão contra a própria vida”.

Ambos os textos permitem a avaliação de descritores relativos à intencionalidade do autor. No segundo texto, a estrutura da linguagem criada aponta para a objetividade. Nesse caso, são bastante apropriados os descritores que sintetizam as habilidades referentes à análise dos aspectos discursivos, à mobilização de atitudes lingüísticas e ao levantamento de idéias e informações do texto.

Texto para a 8ª série do Ensino Fundamental**Advertência**

Quem ainda não conseguiu enquadrar-se no consumo este mês, ultrapassando a cota calculada pela Coelba, vai receber, junto com a conta de energia que será entregue em julho, uma advertência sobre o descumprimento. “A primeira carta é uma advertência, mas se o consumidor tornar a exceder o consumo poderá ter a energia cortada, na primeira vez por três dias, podendo se estender por quatro a seis dias nos casos de reincidência, além de pagarem sobretaxa”, informou José Antonio.

Advertência. A Tarde, Salvador, 4 jun. 2001.

Texto para a 8ª série do Ensino Fundamental**Nelson Mandela e a “nova” África do Sul**

Em 1994, para a felicidade do mundo inteiro, Nelson Mandela se tornou o primeiro presidente negro da África do Sul. Depois de 28 anos de prisão por sua luta contra o apartheid, Mandela foi libertado em 1990 e o então presidente, F. W. de Klerk, pediu-lhe que o ajudasse a pôr um fim àquele terrível período da história do país. O trabalho de ambos levou a África do Sul a um recomeço e por isso receberam o Prêmio Nobel da Paz. Em episódios históricos, eles organizaram eleições livres e pela primeira vez os negros da África do Sul puderam escolher seu governo.

A África do Sul agora tem sua Carta de Direitos, de modo que todos são iguais perante a lei e igualmente protegidos por ela. Graças a pessoas como Nelson Mandela, esse tipo de transformação é possível. Ele é um verdadeiro herói dos direitos humanos.

Todos temos direitos. São Paulo: Ática, 1999.

São textos informativos com algumas características diferentes, que os alunos devem estar aptos a identificar. O primeiro texto, “Advertência”, é curto e mais objetivo, sua linguagem é direta, porque se trata de uma mensagem que precisa ser bem compreendida, sem deixar dúvidas, caso contrário o receptor pode ter problemas. O vocabulário é simples, de fácil compreensão.

O segundo texto, “Nelson Mandela e a (...)”, sendo jornalístico, além das informações necessárias à abordagem do tema, traz um comentário do autor a respeito do problema: a luta contra o Apartheid. Ele é menos impessoal. Palavras e expressões como: “para a felicidade do mundo inteiro”, “luta”, “recomeço”, identificam, de modo claro, o ponto de vista do autor.

Textos como esses, ampliam a visão dos alunos sobre assuntos que fazem parte da nossa realidade. Em avaliações, podem ser usados na verificação da habilidade de realizar inferências, bem como de habilidades concernentes à identificação de idéias e de aspectos discursivos do texto.

Texto para a 8ª série do Ensino Fundamental	Texto para a 8ª série do Ensino Fundamental
A linha e o linho É a sua vida que eu quero bordar na minha Como se eu fosse o pano e você fosse a linha E a agulha do real nas mãos da fantasia Fosse bordando ponto a ponto nosso dia-a-dia E fosse aparecendo aos poucos nosso amor Os nossos sentimentos loucos, nosso amor O ziguezague do tormento, as cores da alegria A curva generosa da compreensão Formando a pétala da rosa da paixão A sua vida o meu caminho, nosso amor Nossa colcha de cama, nossa toalha de mesa Reproduzidos no bordado A casa, a estrada, a correnteza O sol, a ave, a árvore, o ninho da beleza GIL, Gilberto. Do disco Extra. Warner Music Brasil, 1984.	Daquilo que sei Daquilo que eu sei Nem tudo me deu clareza Nem tudo foi permitido Nem tudo foi concebido Daquilo que eu sei Nem tudo foi proibido Nem tudo me foi possível Nem tudo me deu certeza Não fechei os olhos Não tapei os ouvidos Cheirei, toquei, provei Ah! Eu usei todos os sentidos Só não lavei as mãos E é por isso que eu me sinto Cada vez mais limpo... Cada vez mais limpo... Cada vez mais limpo... LINS, Ivan; MARTINS, Vitor.

É interessante perceber que esses textos não são apenas letras de canções, mas poemas da melhor qualidade.

No primeiro texto, “A linha e o linho”, o poeta já começa criando metáforas e comparações especiais para definir o amor, tema abordado tantas vezes e em todas as épocas. Mas ele faz isso de modo muito especial: “É a sua vida que eu quero bordar na minha / Como se eu fosse o pano e você a linha”. Ele se refere ao real e ao sonho, que fazem parte não só da arte, como também da vida: “E a agulha do real na mão da fantasia”. Isso tudo evidencia o poder criador e a sensibilidade do poeta.

Já Ivan Lins e Vitor Martins falam de coisas também importantes, como: participar, não se omitir, estar atento ao chamado das questões sociais e políticas, procurando se manter fiel àquilo em que acredita. Daí, os recursos de linguagem de que eles se utilizam para tornar mais claro o objetivo do texto. A repetição de palavras, no início dos versos (anáforas), as antíteses (paradoxos) em “Só não lavei as mãos / É por isso que me sinto / cada vez mais limpo / cada vez mais limpo / cada vez mais limpo” são exemplos desses recursos.

Em avaliações, os alunos devem demonstrar competência relativa ao reconhecimento das características particulares de textos como estes. Poemas sempre permitem o trabalho com descritores relativos à conotação e denotação. As figuras de linguagem estão naturalmente presentes e a sua identificação deve ser solicitada em avaliações. Definir o tema desenvolvido no poema também é essencial para o perfeito entendimento do texto poético.

Texto para o 3º ano do Ensino Médio	Texto para o 3º ano do Ensino Médio
Soneto 88 Sete anos de pastor Jacó servia Labão, pai de Raquel, serrana bela; Mas não servia ao pai, servia a ela, Que a ela só por prêmio pretendia. Os dias, na esperança de um só dia, Passava, contentando-se com vê-la; Porém o pai, usando de cautela, Em lugar de Raquel lhe dava Lia. Vendo o triste pastor que com enganos Lhe fora assi[m] negada a sua pastora, Como se a não tivera merecida, Começa de servir outros sete anos, Dizendo: — Mais servira, se não fora Pera tão longo amor tão curta a vida! CAMÕES, Luís de. [s. n. t.]	Jacó encontra-se com Raquel Depois disse Labão a Jacó: Acaso, por seres meu parente, irás servir-me de graça? Dize-me, qual será o teu salário? Ora, Labão tinha duas filhas: Lia, a mais velha, e Raquel, a mais moça. Lia tinha olhos baços, porém Raquel era formosa de porte e de semblante. Jacó amava a Raquel, e disse: Sete anos te servirei por tua filha mais moça, Raquel. Respondeu Labão: Melhor é que eu ta dê, em vez de dá-la a outro homem; fica, pois, comigo. Assim, por amor a Raquel, serviu Jacó sete anos; e estes lhe pareceram como poucos dias, pelo muito que a amava. Disse Jacó a Labão: Dá-me minha mulher, pois já venceu o prazo, para que me case com ela. Reuniu, pois, Labão todos os homens do lugar, e deu um banquete. À noite, conduziu a Lia, sua filha, e a entregou a Jacó. E coabitaram. (...) Ao amanhecer, viu que era Lia, por isso Jacó a Labão: Que é isso que me fizeste? Não te servi por amor a Raquel? Por que, pois me enganaste? Respondeu Labão: Não se faz assim em nossa terra, dar-se a mais nova antes da primogênita? Decorrida a semana desta, dar-te-emos também a outra, pelo trabalho de mais sete anos que ainda me servirás. Concordou Jacó, e se passou a semana desta; então Labão lhe deu por mulher Raquel, sua filha. (...) E coabitaram. Mas Jacó amava mais a Raquel do que a Lia; e continuou servindo a Labão por outros sete anos. BÍBLIA sagrada. Gênesis 29, 15-30.

A relação entre o poema de Camões e a história de Jacó e Rachel é evidente. Trata-se de um caso de intertextualidade. Havendo boa compreensão dos textos, os alunos perceberão aspectos importantes, como por exemplo, a idéia de que os fatos enumerados, no poema, são pretextos para a abordagem de um dos temas preferidos do poeta: o amor que é maior e mais importante do que a própria vida: “Pera tão longo amor tão curta vida”. Em avaliações, a intertextualidade permite aos alunos evidenciar as habilidades necessárias à competência de interpretação, chegando à análise dos elementos característicos dos autores e da época em que viveram.

O docente, na sua prática, poderá capacitar os alunos para o aprofundamento da interpretação e análise do soneto. Sendo assim, eles serão capazes de saber que, no poema de Camões, Rachel representa o amor puro, idealizado (influência da teoria filosófica de Platão). Dentro dessa perspectiva, Jacó “Começa a servir outros sete anos” para conseguir atingir esse ideal.

Avaliar a intertextualidade existente entre textos de autores, épocas, estilos e tipologias diferentes significa levar o aluno a refletir sobre o tema, a forma de expressão e todas as características do discurso de cada autor, em particular, com vistas a identificar as afinidades que os textos venham a apresentar.

Texto para o 3º ano do Ensino Médio**Virgília**

Virgília? Mas então era a mesma senhora que alguns anos depois?... A mesma; era justamente a senhora, que em 1869 devia assistir aos meus últimos dias, e que antes, muito antes, teve larga parte nas minhas mais íntimas sensações. Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos; era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça, e, com certeza, a mais voluntariosa. Não digo que já lhe coubesse a primazia da beleza, entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance, em que o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas; mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não. Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitio, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo para os fins secretos da criação. Era isto Virgília, e era clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de uns ímpetos misteriosos; muita preguiça e alguma devoção, ou talvez medo; creio que medo.

Aí tem o leitor, em poucas linhas, o retrato físico e moral da pessoa que devia influir mais tarde na minha vida; era aquilo com dezesseis anos. Tu que me lês, se ainda fores viva, quando estas páginas vierem à luz — tu que me lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje e a que primeiro empreguei quando te vi? Crê que era tão sincero então como agora; a morte não me tornou rabugento, nem injusto.

— Mas — dirás tu —, como é que podes assim discernir a verdade daquele tempo, e exprimi-la depois de tantos anos?

Ah! indiscreta! ah! ignorantona! Mas é isso mesmo que nos faz senhores da terra, é esse poder de restaurar o passado, para tocar a instabilidade das nossas impressões e a vaidade dos nossos afetos.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Scipione, 1994.

O emprego de textos de Machado de Assis em avaliações permite a verificação de habilidades de interpretação e análise do seu conteúdo e forma de reflexão sobre os recursos lingüísticos utilizados, como também da habilidade de reconhecer características do Realismo. Os alunos podem ser solicitados a identificar os traços típicos de um personagem realista, tão próximo de uma pessoa comum. Por exemplo: Virgília era “bonita”, “fresca”, “faceira” porque isso era um fato real, não havia como negar. Entretanto, o autor enfatiza que não lhe cabia “a primazia da beleza entre as mocinhas do seu tempo” e diz ainda que ela era ignorante, pueril, etc; o que era verdade. Se compararmos Virgília com Aurélia, heroína romântica do livro *Senhora*, de José de Alencar, a diferença entre as duas é muito grande. Aurélia é lindíssima, maravilhosa, perfeita, sem defeitos, ou seja, não existe. É por isso que Machado, numa crítica evidente ao Romantismo, diz: “isto não é romance em que o autor sobredoura a realidade”.

Texto para o 3º ano do Ensino Médio**A Afilhada**

[...]

Não estava ali há muitas horas. Fora preso pela manhã, logo ao erguer-se da cama; e, pelo cálculo aproximado do tempo, pois estava sem relógio e mesmo se o tivesse não poderia consultá-lo à fraca luz da masmorra, imaginava podiam ser onze horas.

Por que estava preso? Ao certo não sabia; o oficial que o conduzira, nada lhe quisera dizer; e, desde que saíra da Ilha das Enxadas para a das Cobras, não trocara palavra com ninguém, não vira nenhum conhecido no caminho, nem o próprio Ricardo que lhe podia, com um olhar, com um gesto, trazer sossego às suas dúvidas. Entretanto, ele atribuíra a prisão à carta que escrevera ao presidente, protestando contra a cena que presenciara na véspera.

Não se pudera conter. Aquela leva de desgraçados a sair assim, a desoras, escolhidos a esmo, para uma carniçaria distante, falara fundo a todos os seus sentimentos; pusera diante dos seus olhos todos os seus princípios morais; desafiara a sua coragem moral e a sua solidariedade humana; ele escrevera a carta com veemência, com paixão, indignado. Nada omitiu do seu pensamento; falou claro, franca e nitidamente.

Devia ser por isso que ele estava ali naquela masmorra, engaiolado, trancafiado, isolado dos seus semelhantes como uma fera, como um criminoso, sepultado na treva, sofrendo umidade, misturado com os seus detritos, quase sem comer... Como acabarei? Como acabarei? E a pergunta lhe vinha, no meio da revoadada de pensamentos que aquela angústia provocava pensar. Não havia base para qualquer hipótese. Era de conduta tão irregular e incerta o Governo que tudo ele podia esperar: a liberdade ou a morte, mais esta que aquela.

O tempo estava de morte, de carnificina; todos tinham sede de matar, para afirmar mais a vitória e senti-la bem na consciência coisa sua, própria, e altamente honrosa.

Iria morrer, quem sabe se naquela noite mesmo? E que tinha ele feito de sua vida? Nada. Levava toda ela atrás da miragem de estudar a pátria, por amá-la e querê-la muito, no intuito de contribuir para a sua felicidade e prosperidade. Gastara a sua mocidade nisso, a sua virilidade também; e, agora que estava na velhice, como ela o recompensava, como ela o premiava, como ela o condecorava? Matando-o. E o que não deixara de ver, de gozar, de fruir, na sua vida? Tudo. Não brincara, não pandegara, não amara — todo esse lado da existência que parece fugir um pouco à sua tristeza necessária, ele não vira, ele não provara, ele não experimentara.

Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das suas coisas de tupi, do folclore, das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma!

O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde estava a doçura de nossa gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções.

A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política que julgava existir, havia. A que existia de fato era a do Tenente Antonino, a do doutor Campos, a do homem do Itamarati.

E, bem pensando, mesmo na sua pureza, o que vinha a ser a Pátria? Não teria levado toda a sua vida norteado por uma ilusão, por uma idéia a menos, sem base, sem apoio, por um Deus ou uma Deusa cujo império se esvaía? [...]

BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Moderna, 1994.

A obra “Triste Fim de Policarpo Quaresma” é representativa do Pré-Modernismo, fase de transição entre a literatura tradicional do século XIX e a arte revolucionária do início do século XX. O personagem Policarpo é um instrumento de crítica, denúncia e questionamento das estruturas injustas do Brasil daquela época. Esse é um fragmento do final do livro, em que Policarpo, um nacionalista exagerado, até ridículo, consegue finalmente enxergar o Brasil real: cruel, corrupto, explorador, etc: “A pátria que quisera ter era um mito (...). A que existia de fato era a do tenente Antonino...”

Se os alunos perceberem tudo isso, terão compreendido a intenção e o ponto de vista do autor em relação ao tema.

Texto para o 3º ano do Ensino Médio	Texto para o 3º ano do Ensino Médio
Canto de regresso à Pátria Minha terra tem palmares Onde gorjeia o mar Os passarinhos daqui Não cantam como os de lá. Minha terra tem mais rosas E quase que mais amores Minha terra tem mais ouro Minha terra tem mais terra. Ouro terra amor e rosas Eu quero tudo de lá Não permita Deus que eu morra Sem que volte para lá. Não permita Deus que eu morra Sem que eu volte pra São Paulo Sem que veja a Rua 15 E o progresso de São Paulo. ANDRADE, Oswald de. Trechos escolhidos. In: Nossos Clássicos. Rio de Janeiro: Agir, 1977.	Canção do exílio Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá, As aves, que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá. Nosso céu tem mais estrelas, Nossas várzeas têm mais flores, Nossos bosques têm mais vida, Nossa vida mais amores. Em cismar, sozinho, à noite, Mais prazer encontro eu lá; Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá. Minha terra tem primores, Que tais não encontro eu cá; Em cismar, — sozinho, à noite — Mais prazer encontro eu lá; Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá. Não permita Deus que eu morra Sem que eu volte para lá; Sem que desfrute os primores Que não encontro por cá; Sem qu'inda aviste as palmeiras, Onde canta o Sabiá. DIAS, Gonçalves. São Paulo: Abril Educação, 1982.

A paródia de Oswald de Andrade à “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias constitui uma instigante possibilidade para o estudo da intertextualidade. Em “Canto de Regresso à Pátria”, observam-se os processos específicos da construção de um texto modernista e a utilização de recursos como a ironia, a irreverência, o questionamento, etc, que foram utilizados por Oswald para conseguir atingir o seu objetivo, ou seja, a crítica ao nacionalismo exagerado que dominava o Brasil.

O uso de textos como estes, em avaliações, permite ao aluno demonstrar a habilidade de reconhecer o fenômeno da intertextualidade através da paródia, identificando as características próprias de cada texto e reconhecendo os aspectos nos quais eles se assemelham.

Texto para o 3º ano do Ensino Médio**O Quinze**

Chegou a desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica, surgindo no fundo sujo dos sacos vazios, na descarnada nudez das latas raspadas.

— Mãezinha, cadê a janta?

— Cala a boca, menino! Já vem!

— Vem lá o quê!...

Angustiado, Chico Bento apalpava os bolsos... nem um triste vintém azinhavrado...

Lembrou-se da rede nova, grande e de listras que comprara em Quixadá por conta do vale de Vicente.

Tinha sido para a viagem. Mas antes dormir no chão do que ver os meninos chorando, com a barriga roncando de fome. [...]

O vaqueiro saiu com a rede, resoluto:

— Vou ali naquela bodega, ver se dou um jeito...

Voltou mais tarde, sem a rede, trazendo uma rapadura e um litro de farinha:

— Tá aqui. O homem disse que a rede estava velha, só deu isso, e ainda por cima se fazendo de compadecido...

Faminta, a meninada avançou; e até Mocinha, sempre mais ou menos calada e indiferente, estendeu a mão com avidez.

Contudo, que representava aquilo para tanta gente?

Horas depois, os meninos gemiam:

— Mãe, tou com fome de novo...

— Vai dormir, dianho! Parece que tá espiritado! Soca um quarto de rapadura no bucho e ainda fala em fome! Vai dormir!

E Cordulina deu o exemplo, deitando-se com o Duquinha na tipóia muito velha e remendada. [...]

Chico Bento estirou-se no chão. Logo, porém, uma pedra aguda lhe machucou as costelas.

Ele ergue-se, limpou uma cama na terra, deitou-se de novo.

— Ah! Minha rede! Ô chão duro dos diabos! E que fome!

Levantou-se, bebeu um gole na cabaça. A água fria, batendo no estômago limpo, deu-lhe uma pancada dolorosa. E novamente estendido de ilharga, inutilmente procurou dormir.

[...]

De manhã cedo, Mocinha foi ao Castro, ver se arranjava algum serviço, uma lavagem de roupa, qualquer coisa que lhe desse para ganhar uns vinténs.

Chico Bento também já não estava no rancho. Vagueava à toa, diante das bodegas, à frente das casas, enganando a lembrança que lhe vinha, constante e impertinente, da meninada chorando, do Duquinha gemendo:

“Tô tum fome! dá tumê!”

Parou. Num quintalejo, um homem tirava o leite a uma vaquinha magra.

Chico Bento estendeu o olhar faminto para a lata onde o leite subia, branco e fofo como um capucho...

E a mão servil, acostumada à sujeição do trabalho, estendeu-se maquinalmente num pedido... mas a língua ainda orgulhosa endureceu na boca e não articulou a palavra humilhante.

A vergonha da atitude nova o cobriu todo; o gesto esboçado se retraiu, passadas nervosas o afastaram.

Sentiu a cara ardendo e um engasgo angustioso na garganta.

Mas dentro da sua turbação lhe zunia ainda aos ouvidos:

“Mãe, dá tumê!...”

E o homenzinho ficou, espichando os peitos secos de sua vaca, sem ter a menor idéia daquela miséria que passara tão perto, e fugira, quase correndo...

QUEIROZ, Rachel de. O Quinze. 25. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

Texto para o 3º ano do Ensino Médio**Fogo morto**

A luz das lanternas sujava a brancura do luar. Passou a carruagem na porta do Capitão Vitorino, com os cavalos arrastando-se num passo de cansados. Vitorino viu no carro o velho sentado com a família. O senhor de engenho não lhe tirou o chapéu, mas ouviu bem a voz de D. Amélia, dando-lhe boa-noite. O cachorro do Lula pensava que ele fosse um camumbembe qualquer. Botara-o uma vez fora de sua casa. Aquilo era uma leseira de marca. Trepado naquele carro, e com o cercado vazio, as várzeas no mato, o engenho parado. A lua cobria os arvoredos que o vento brando sacudia de leve. Naquele silêncio, ouvia as campainhas do cabriolé, de longe, tinindo, enquanto os cachorros começavam a latir para a lua. Cantavam os galos no poleiro de Sinhá Adriana.

— Minha velha, amanhã tenho que ganhar os campos. Não sou marica para ficar assim dentro de casa. As eleições estão aí e nestes últimos dias nada tenho feito. Vou dar uma queda no José Paulino que vai ser um estouro.

— Vitorino, eu te acho ainda muito machucado.

— Não tenho mais nada. Você não viu o compadre e o cego como estavam andando? Apanharam muito e não ficaram de papo pro ar numa rede como mulher parida. Um homem que se preza não deve se entregar. Vou para a cabala, amanhã, na feira de Serrinha. Quero olhar para a cara de Manuel Ferreira. Este cachorro vive na Serrinha roubando o povo com parte de que é deputado. É outra safadeza de José Paulino, deixar que vá para a Assembléia do Estado um tipo como Manuel Ferreira. Boto abaixo tudo isto.

— É, Vitorino, mas tu vai sofrer outra desfeita.

— Que desfeita? Um homem que luta não é desfeiteado. Cala esta boca. Peguei-me com a força e botei três réus na rua. Isto é ser desfeiteado? Por que você não se danou com o filho? Era melhor. Pelo menos não me vinha com estas palavras de ofensa. O seu marido, mulher, não traz desfeita para casa. Não me diga mais uma coisa desta.

Levantou-se outra vez, e saiu para a frente de casa.

— Vitorino, tem cuidado com o sereno, tu podes apanhar um resfriado. Ontem levaste a noite tossindo. Bota o chapéu na cabeça.

O velho não respondeu. Os cachorros latiam desesperadamente.

— Estes pestes não param. Parece que querem morder a lua.

— Entra para dentro, Vitorino, está muito frio. A friagem da lua te faz mal.

Ele não respondeu. No outro dia sairia pelo mundo para trabalhar pelo povo. Para ele, Antônio Silvino e o Tenente Maurício, José Paulino e Quinca do Engenho Novo, todos valiam a mesma coisa. Quando entrasse na casa da Câmara sacudiriam flores em cima dele. Dariam vivas, gritando pelo chefe que tomava a direção do município. Mandaria abrir as portas da cadeia. Todos ficariam contentes com o seu triunfo. A queda de José Paulino seria de estrondo. Ah, com ele não havia grandes mandando em pequenos. Ele de cima quebraria a goga dos parentes que pensavam que a vila fosse bagaceira de engenho.

— Vitorino, vem dormir.

— Já vou.

E, escorado no portal da casa de taipa, de chão de barro, de paredes pretas, Vitorino era dono do mundo que via, da terra que a lua branqueava, do povo que precisava de sua proteção.

REGO, José Lins do. Fogo morto. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

“O Quinze” e “Fogo Morto” são romances regionalistas representativos da segunda fase modernista. Seguindo a linha de Lima Barreto, seus autores denunciaram e criticaram claramente os problemas sociais, econômicos e políticos do Nordeste. No primeiro texto, há a evidência trágica e eterna da seca e suas consequências: “Faminta, a meninada avançou e até Mocinha [...] estendeu a mão com avidez”. No segundo, o autor focaliza as estruturas perversas e injustas que dominavam a região dos engenhos de cana-de-açúcar, denunciando as técnicas de repressão e tortura usadas pelos grandes proprietários de terra: “Você não viu o compadre e o cego como estavam andando? Apanharam muito...”. Textos como estes são excelentes para que o aluno, em avaliações, possa reconhecer traços característicos da denúncia da realidade brasileira e identificar marcas da nossa identidade, da nossa cultura. Além disso, eles permitem a verificação da capacidade de identificação de idéias, realização de inferências e análise do discurso de cada um dos autores.

Texto para o 3º ano do Ensino Médio**Se não houvesse montanhas!**

Se não houvesse montanhas!
Se não houvesse paredes!
Se o sonho tecesse malhas
e os braços colhessem redes!

Se a noite e o dia passassem
como nuvens, sem cadeias,
e os instantes da memória
fossem vento nas areias!

Se não houvesse saudade,
solidão nem despedida...
Se a vida inteira não fosse,
além de breve, perdida!

Eu tinha um cavalo de asas,
que morreu sem ter pascigo.
E em labirinto se movem
os fantasmas que persigo.

MEIRELES, Cecília. Se não houvesse montanhas! In: _____. Obra poética. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958.

O intimismo nos poemas de Cecília Meireles é fato conhecido e comprovado, assim como a delicadeza das imagens que ela cria. Isso está presente nesse texto. No 3º ano do Ensino Médio, ocorre um aprofundamento no estudo de textos poéticos, que se apresentam mais complexos, permitindo a avaliação, inclusive, da relação conteúdo / forma presente na poesia. Sendo assim, alguns elementos certamente chamam a atenção nesse poema de Cecília: o tipo dos versos que são redondilhas maiores (versos de sete sílabas), a alternância de versos rimados e versos brancos, a repetição da conjunção “se” no início de vários versos, introduzindo as hipóteses e as dúvidas lançadas pelo poeta em relação ao mundo e à vida.

Em avaliações, este texto pode também estimular a reflexão sobre os aspectos lingüísticos, principalmente em relação aos elementos coesivos do discurso.

Texto para o 3º ano do Ensino Médio**Os Politécnicos**

Fui a São Paulo a convite do Grêmio de Politécnicos, bater um papo com os rapazes em sua Faculdade. Recusei-me a fazer uma palestra; pois sou homem de língua emperrada; mas os motivos para a minha ida, como me foram apresentados pelos futuros engenheiros paulistas, pareceram-me bastante válidos, além de modestos. Têm eles que a carreira escolhida oferece o perigo de canalizar o pensamento para problemas puramente tecnológicos, em prejuízo de uma humanização mais vasta, tal como a que pode ser adquirida em contato com o homem em geral e as artes em particular. [...]

A homenagem foi simpática, mas no meio daquilo tudo comecei a ser tomado por uma sensação estranha. Aqueles rapazes todos que estavam ali, cada um com a sua personalidade própria — João gostando do romance Lolita, Pedro detestando; Luiz preferindo mulatas, Carlos Iouras; Francisco acreditando em Karl Marx, Júlio em Jânio Quadros; Kimura preferindo filmes de mocinho; Giovanni gostando mais de cinema francês — já não os tinha visto em outras circunstâncias, em outros tempos? Aquele painel de rostos desabrochando para a vida, aqueles olhos sequiosos ao mesmo tempo de amor e de conhecimento; não eram eles o primeiro plano de uma imagem que se ia perder no vértice de uma perspectiva interminável, como num jogo de espelhos? Atrás de cada uma daquelas faces não havia o totema menor de outra face, como ela ávida de saber o porquê das coisas, e atrás dessa outra, e mais outra, e outra mais? Vi-os, de repente, todos fardados me olhando, atentos às instruções de guerra que eu lhes dava em voz monótona: “— Os três grupos decolarão em intervalos de cinco minutos, e deixarão cair sua carga de bombas nos objetivos A, B e C, tal como se vê no mapa. É favor acertarem os relógios...” Mariana cantava, um pouco tímida diante de tantos rapazes, a minha Serenata do Adeus”.

“Ai, vontade de ficar mas tenho que ir embora...”

Qual daqueles moços seria um dia ministro? Qual seria assassino? Qual, dentre eles, trairia primeiro o anjo de sua própria mocidade? Qual viraria grão-fino? Qual ficaria louco?

Tive vontade de gritar-lhes: “Não acreditem em mim: Eu também não sei nada! Só sei que diante de mim existe aberta uma grande porta escura, e além dela é o infinito que não acaba mais! Só sei que a vida é muito curta demais para viver e muito longa para morrer!”

Mas ao olhar mais uma vez seus rostos pensativos diante da canção, que lhes falava das dores de amar, meu coração subitamente se acendeu numa grande chama de amor por eles, como se eles fossem todos filhos meus. E eu me armei de todas as armas da minha esperança no destino do homem para defender minha progênie, e bebi do copo que eles me haviam oferecido, e porque estávamos todos um pouco emocionados, rimos juntos quando a canção terminou. E eu fiquei certo de que nenhum deles seria nunca um louco, um traidor, um assassino porque eu os amava tanto, e o meu amor haveria de protegê-los contra os males de viver.”

MORAES, Vinicius de. Para Viver um Grande Amor. 7. ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972.

Texto para o 3º ano do Ensino Médio**O Sino de Ouro**

CONTARAM-ME que, no fundo do sertão de Goiás, numa localidade de cujo nome não estou certo, mas acho que é Porangatu, que fica perto do rio de Ouro e da serra de Santa Luzia, ao sul da serra Azul — mas também pode ser Uruçu, junto do rio das Almas e da serra do Passo Três (minha memória é traiçoeira e fraca; eu esqueço os nomes das vilas e a fisionomia dos irmãos, esqueço os mandamentos e as cartas e até a amada que amei com paixão) — mas, me contaram que em Goiás, nessa povoação de poucas almas, as casas são pobres e os homens pobres, e muitos são parados e doentes e indolentes, e mesmo a igreja é pequena, me contaram que ali tem — coisa bela e espantosa um grande sino de ouro. [...]

É apenas um sino, mas é de ouro. De tarde seu som vai voando em ondas mansas sobre as matas e os cerrados, e as veredas de buritis —, e a melancolia do chapadão, e chega ao distante e deserto carrascal, e avança em ondas mansas sobre os campos imensos, o som do sino de ouro. E a cada um daqueles homens pobres ele dá cada dia sua ração de alegria. Eles sabem que todos os ruídos e sons que fogem do mundo em procura de Deus — gemidos, blasfêmias, batuques, sinos, orações, e o murmúrio temeroso e agônico das grandes cidades que esperam a explosão atômica e no seu próprio ventre negro parecem conter o germe de todas as explosões — eles sabem que Deus, com especial delícia e alegria, ouve o som alegre do sino de ouro perdido no fundo do sertão. E então é como se cada homem, o mais pobre, o mais doente e humilde, o mais mesquinho e triste, tivesse dentro da alma um pequeno sino de ouro.

Quando vem o forasteiro de olhar aceso de ambição, e propõe negócios, fala em estradas, bancos, dinheiro, obras, progresso, corrupção — dizem que esses goianos olham o forasteiro com um olhar lento e indefinível sorriso e guardam um modesto silêncio. O forasteiro de voz alta e fácil não compreende; fica, diante daquele silêncio, sem saber que o goiano está quieto, ouvindo bater dentro de si, com um som de extrema pureza e alegria, seu particular sino de ouro. E o forasteiro parte, e a povoação continua pequena, humilde e mansa, mas louvando a Deus com o sino de ouro. Ouro que não serve para perverter, nem o homem nem a mulher, mas para louvar a Deus.

[...] Não sei se isso acontece em Porangatu, Uruçu ou outra cidade do sertão. Mas quem me contou foi um homem velho que esteve lá; contou dizendo: “eles têm um sino de ouro e acham que vivem disso, não se importam com mais nada, nem querem mais trabalhar; fazem apenas o essencial para comer e continuar a viver, pois acham maravilhoso ter um sino de ouro”.

O homem velho me contou isso com espanto e desprezo. Mas eu contei a uma criança e nos seus olhos se lia seu pensamento: que a coisa mais bonita do mundo deve ser ouvir um sino de ouro. Com certeza é esta mesma a opinião de Deus, pois ainda que Deus não exista, ele só pode ter a mesma opinião de uma criança. Pois cada um de nós quando criança tem dentro da alma seu sino de ouro que depois, por nossa culpa e miséria e pecado e corrupção, vai virando ferro e chumbo, vai virando pedra e terra, e lama e podridão.

BRAGA, Rubem. A borboleta amarela. Rio de Janeiro: Do Autor, 1963.

A crônica brasileira moderna adquiriu características inovadoras, fugindo, muitas vezes, dos modelos tradicionais. Estes textos confirmam isso. Em “Os Politécnicos”, Vinicius, ao relatar um fato comum, conduz o leitor pelos caminhos da sua sensibilidade, ou seja, da sua poesia: “E eu fiquei certo de que nenhum deles seria nunca um louco, um traidor, um assassino, porque eu os amava tanto, e o meu amor havia de protegê-los contra os males de viver”.

O segundo texto, “O sino de ouro”, mesmo em prosa e contando uma história, é também basicamente poético. O autor usa recursos estilísticos típicos da poesia, ora criando polissíndetos: “por nossa culpa e miséria e pecado e corrupção”, ora apresentando aparentes contradições que dão ao seu pensamento mais força e beleza: “Com certeza é esta mesmo a opinião de Deus, pois ainda que Deus não exista, ele só pode ter opinião de uma criança”.

Em avaliações, esses textos permitem que os alunos possam reconhecer e analisar o efeito de sentido resultante do uso das figuras de linguagem utilizadas e evidenciar essa competência entre outras relativas ao tema, às informações explícitas e implícitas e à reflexão dos aspectos estruturais.

Texto para o 3º ano do Ensino Médio**O Pão Nosso**

Pode haver revolta. Mas é improvável que o caminho da mudança no Brasil seja aberto com explosões sociais. A energia que pode ser usada agora para fazer um futuro diferente está, aparentemente, em outras fontes de transformação. Porque há mudança no Brasil. Ela não corre, mas anda. Não corre, mas ocorre.

Seus sinais estão, por exemplo, no melhoramento das cidades em plena crise da administração federal, no basta à corrupção e no movimento pela ética na política, na emergência de movimentos em favor da mulher, da criança ou da ecologia, no anti-racismo. São antidotos contra a cultura autoritária que sempre ditou a receita do desastre social. Eles estão na confluência de duas tendências. Parte da elite não quer viver no apartheid sul-africano. E cada vez mais pobres querem sua cota de cidadania. Essa maré vai empurrando a democracia da sociedade para o Estado, de baixo para cima, dos movimentos sociais para os partidos e instituições políticas.

É nela que eu hoje acredito. E, por causa dela, encontro-me outra vez com a velha questão que me levou à militância política: o que fazer com a miséria? Aceitá-la a título provisório? Não dá: aquilo que produz miséria simplesmente não pode ser aceito. A condenação ética da miséria é um ponto de partida. Para mim, o que era a luta contra o capitalismo para atacar a miséria passou a ser a luta contra a miséria para conquistar a democracia.

No combate à fome há o germe da mudança do país. Começa por rejeitar o que era tido como inevitável. Todos podem e devem comer, trabalhar e obter uma renda digna, ter escola, saúde, saneamento básico, educação, acesso à cultura. Ninguém deve viver na miséria. Todos têm direito à vida digna, à cidadania. A sociedade existe para isso. Ou, então, ela simplesmente não presta para nada. O Estado só tem sentido se é um instrumento dessas garantias. A política, os partidos, as instituições, as leis só servem para isso. Fora disso, só existe a presença do passado no presente, projetando no futuro o fracasso de mais uma geração.

Quando eu era cristão e queria lutar contra a miséria, meu dia começava com um Padre-Nosso. Tinha fome de divindade. Hoje, ainda luto contra a miséria, mas meu dia começa com um Pão Nosso. Tenho fome de humanidade.

SOUZA, Herbert de. O Pão Nosso. Revista Veja 25 anos: reflexões para o futuro, São Paulo, abr. 1993.

Texto para o 3º ano do Ensino Médio**Os requintes da miséria**

Já se tornou um aborrecido lugar-comum afirmar que o Brasil possui dimensões continentais. Os ufanistas que tanto repisaram essa fórmula para receitar esperança no futuro do país talvez não tenham previsto que a quantidade e a variedade de problemas desse “gigante” infelizmente também teriam grandezas igualmente continentais.

Recente levantamento feito pelo Centro de Referências, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes do Distrito Federal arrolou nada menos que 13 tipos de exploração sexual de menores em 20 Estados. A lista leva a supor que, desgrazadamente, para muitos brasileiros, a atividade sexual já deixou de ser um meio de prazer e realização, para se transformar em passaporte de entrada no mais dantesco dos infernos possíveis.

De norte a sul do país, segundo a pesquisa, a iniciação sexual de milhares de menores ocorre por meio de exploração turística, prostituição em garimpos, navios e grandes centros urbanos, escravidão e tráfico, estupro, incesto e abuso sexual domésticos, leilões de virgindade, mutilações, homicídios e encarceramento.

Só na região metropolitana de Belém (PA) existem pelo menos 7,5 mil prostitutas entre 12 e 18 anos. Nem mesmo os Estados mais ricos do Sudeste e Sul do país estão livres desse odioso mercado do sexo infantil.

A cada nova amostragem das dimensões que vão assumindo a miséria e todas as perversões que a ela se associam no Brasil, corre-se o risco de que o país alcance notoriedade não por suas enormes potencialidades, mas pela diversidade de aberrações que foi capaz de produzir — algumas delas, infelizmente, com alta cotação no mercado internacional.

Torna-se inevitável assim constatar que o desafio da modernização do país não pode estar dissociado de um resolutivo combate a todas as formas de desigualdade e exclusão social, a começar das que já atingiram os extremos da crueldade.

Os requintes da miséria. Folha de São Paulo, São Paulo, 15 abr. 1996.

Inferir temas, identificar idéias implícitas e explícitas são procedimentos importantes em textos informativos, principalmente naqueles do tipo dissertativo, como é o caso de “O pão nosso” e “Os requintes da miséria”. É a partir disso que o aluno desenvolve a competência para a compreensão dos textos, podendo evidenciá-las em avaliações. Textos como estes podem também servir de estímulo à avaliação de descritores relacionados com a identificação da intencionalidade do autor.



Projeto de Avaliação Externa

Rua Caetano Moura, 107, Federação. Cep: 40210-341. Salvador - Bahia
Tel: (71) 235-9050. Fax: (71) 237-1977. e-mail: aval@ufba.com.br